Fon-Fon
CINZAS
—BOAS HORAS!

A' VENDA EM TODA PARTE

Gostastes querida? — é explendido, meu maridinho

referem-se...

a

·LAVANDIL·

O PREPARADO IDEAL PARA A LAVAGEM DE ROUPA
POR UM PROCESSO NOVO

Consente V. S. ser Victima de suas Dôres ou Aspira a Gosar Perfeita Saúde?

Si V. S. se descuida dos primeiros symptomas de Rheumatismo, Molestia dos Rins, está em caminho de perder a saúde. Estes males revelam com frequencia a existencia no organismo de certas impurezas.

Minusculos e afiados crystaes formados pelo acido urico são arrastados pela circulação do sangue até depositarem-se em diversas regiões do corpo, especialmente nas articulações, dilacerando os nervos sensitivos. Isto provoca agudissimas dôres. Portanto, o meio mais rasoavel par combater esses males, é estimular os rins afim de desempen-harem suas funcções de manter o sangue livre de impurezas.

Eis aqui, por que aconselhamos um tratamento com a Pilulas De Witt. Por sua acção sobre os rins, constituem um medicamento de confiança para combater os males indi-cados. Se V. S. deseja conhecer as Pilulas De Witt antes d adquiril-as, leia e envie o coupon abaixo, hoje mesmo.

PILULAS

DE WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

Pódem experimentar-se em casos de

RHEUMATISMO, DÔRES NAS CADEIRAS, ENFRAQUECIMENTO DA BEXIGA, LUMBAGO, SCIATICA, MOLESTIAS DOS RINS

e todas as Molestias provenientes do excesso de acido urico no organismo.

O seu medico sabe o quanto são bons

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd.
(Dept. R162), Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome ....

Endereço...

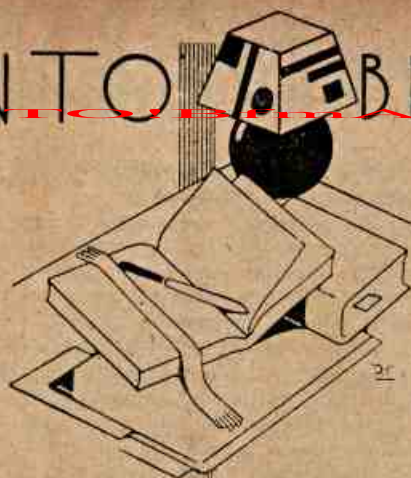
9 ....

QUEIRA ESCREVER COM CLAREZA.

Mande em envelope aberto......sello 20 Reis

O CONTO BRASILEIRO

A LOUCA

DE AFFONSO NETTO

— Quá... Quá... Quá...

A gargalhada...

Foi junto ao meu ouvido que ella estoirou. E era diabólica. Estridente.

— Quá... Quá... Quá...

E as tenazes de uns dedos nervósos arrocharam-me o braço...

— Tu!

Junto aos meus dois olhos chammejaram. Um hálito de fogo abrazou-me a face. E, no meio da noite, a gargalhada explodiu novamente:

— Quá... Quá... Quá...

Meu punho buscou a labareda aterrorizadora daquellas pupilas.

Um rugido...

Um corpo cahiu...

Porém, no braço, eu continuei a sentir um polvo...

— Amor!

Uma dentada feriu-me a perna...

Fiz um esforço. Um empuxão fortissimo...

Vi-me liberto. E desatei a correr pela praia.

Um uivo seguiu-me... E, logo depois, eu notei que, no cascalho, mais alguem corria...

— Julio!

Não parei. O nome que não era o meu, ficou sem éco...

— Ju... uu... lio!...

Era quasi um soluço.

E eu corria.

Mas...

Uma dôr aguda... Cruciante... Na nuca...

E o céu desabou sobre mim...

* * *

Meus olhos abriram-se. Lentamente. Com difficuldade. Mas, immediatamente, fecharam-se de novo.

Um torpor immenso dominava-me. E uma dôr infinita, na parte posterior da cabeça, tonteava-me.

Fiz nova tentativa. Levantei as palpebras. Olhei. E não comprehendi...

Era uma caverna.

Debaixo de mim, um montão de musgo. Por cima, uma abobada limosa. Dos lados, a rocha. E, mais adeante, uma abertura.

A abertura tinha pouco mais de um metro de alto. Era estreita. E deixava penetrar um pouco de luz diurna no recinto.

O meu cerebro era um cáos.

Continuei a passear os olhos pelo estranho tugurio.

Ao meu lado havia uma grande concha. Dentro della um liquido esverdeado. E, emergindo deste, o dorso felpudo duma enorme aranha morta...

Reuni todas as minhas forças. E ergui-me daquelle leito angustioso.

Com o movimento, a dôr na nuca augmentou. Levei alli a mão. E senti a ferida da pedra...

Ao mesmo tempo, vi, correndo para um canto escuro, grande serpente negra. E, em soturno voejar, miriades de morcegos.

— Quá... Quá... Quá...

Voltei-me dum salto. E, parada na entrada da caverna, eu a vi...

Estava núa. Completamente núa. A cabelleira até a cintura. Os olhos circumdados de roxo. As narinas dilatadas. A bôcca aberta. Os dentes ferozes. As unhas longuissimas. O corpo todo de impressionante brancura.

— Julio!

Ella estendeu o braço para mim. E eu estremeci. E recuei.

— Querido!

A mulher avançou na minha direcção. Nos olhos tinha chispas de louca sensualidade.

Fui recuando. Encontrei a rocha. E fixei, idiotizado, a estranha mulher.

Ella aproximava-se... Mas, ao chegar ao pé de mim, cahiu de joelhos. E soluçou:

— Mil annos, Julio!... Quanto tardaste!... E como soffri!... Tu não vinhas... O mar não trazia o meu amor... E a saudade!... E a caverna fria! A fome!... E tu não vinhas!... Mas, agora, o mar teve dó de mim. Trouxe-te de novo!... E' o nosso amor que vae resuscitar!... Meu Julio!...

Pelas pernas eu senti as mãos e os labios da mulher...

Procurei afastar-me. E perguntei, num grito:

— Quem és tu?

A mulher reteve, instantaneamente, os soluços. Encarou-me aterradoramente. E grunhiu:

— Tu não és o meu Julio!

Silencio de horror. E a gargalhada:

— Quá... Quá... Quá...

Quiz fugir. Mas a estranha criatura não me permittiu. De um salto enganchou-se no meu pescoço. E cravou os dentes agudos na minha face...

— Louca!

Dentro de mim um tigre cresceu. Agarrei a mulher pela cintura. Suspendi-a no ar. E arremessei-a contra a rocha...

Houve um gemido. Uma contorsão. E a doida immobilizou-se. O rosto contra o chão.

Um desejo incendiou-me o cerebro. Curvei-me. E tomei a mulher nos braços.

Estava morta...

Apertei-a de encontro ao peito. E o sangue que escorria do meu rosto foi cahindo lentamente sobre o corpo alvo da desgraçada...

NINGUEM DISSE...

O professor de calligraphia Sergio Kapinotech Akhineiev casava a sua filha Natalia com o professor de historia e geographia Ivan Petrovich Loehdinei. A festa se realizava no meio da maior alegria. No salão se cantava, jogava e dançava. Corriam de um lado para outro das salas os creados emprestados pelo club, vestidos de negras casacas e brancas gravatas, bem sujas. Reinava em toda a casa alegre rumor de conversas.

O professor de mathematica Tarantuloff, o francez Pasdequoi e o inspector de segunda categoria da Camara de Comprovação Egor Venedictech Mzda, sentados em fila no divan, relatavam, um depois do outro, a alguns convidados, casos de enterrados vivos e expunham a sua opinião sobre o espiritismo. Nenhum dos trez acreditava nisso, mas admittiam que neste mundo ha muitas coisas que a intelligencia humana não póde conceber.

Na sala contigua, o professor de literatura Duduski explicava a outro grupo de convidados os casos em que a sentinella póde atirar sobre os transeuntes.

As conversas, como vêem, eram espantosas, mas muito agradaveis. Pelas janellas que davam para o pateo olhavam pessôas que, pela sua situação ou posição social, não tinham o direito de entrar na casa.

A' meia-noite em ponto, o dono da casa, Akhineiev, entrou na cozinha para ver se estava tudo em ordem para a ceia. Encontrou a cozinha cheia do agradavel cheiro dos gansos e patos assados. Sobre as mesas estavam expostos em artistica desordem os *zakuskas* e as bebidas. Junto das mesas passava e tornava a passar, mui atarefada, a cozinheira Martha, mulher rubicunda, de volumoso ventre envolvido em faixas.

— Vamos vêr, querida, onde está o esturjão? — disse Khineiev, esfregando as mãos e requebrando-se — Que odor magnifico! Eu sou capaz de comer toda a cozinha. Vamos, vamos, onde está o esturjão?

Martha aproximou-se de um dos bancos e cuidadosamente levantou uma folha de jornal engordurado. Debaixo dessa folha, em enorme travessa, jazia um grande esturjão enfeitado com azeitonas, alcaparras e cenouras. Akhineiev contemplou o esturjão e soltou um ah! O seu rosto resplandeceu e os olhos se lhe accenderam. Inclinou-se e produziu com os labios som igual ao de uma roda sem sebo.

— Ah! Som de um beijo apaixonado!... Martha, como quem te estás beijando por ahi?

Ouviu-se uma voz dizer isto da sala ao lado e á porta assomou a pellada cabeça do auxiliar Vankin.

— Com quem te estás beijando? Muito bem! Com quem? Com Sergio Kapitonech? Fóra com o avô! *Tête à tête* com uma mulher!

— Eu não me estou beijando com ninguem — respondeu Akhineiev, algo confuso. — Quem te disse semelhante coisa, maluco! Fui eu que fiz com os labios esse ruido, encantado pelo esturjão.

— Não me venhas com historias!

Vankin sorriu largamente e sumiu-se da porta. Akhineiev ficou vermelho.

— Que bobagem! — pensou.

— Agora este maroto vae sahir com dichotes... Esse animal vae me ridicularizar pela cidade toda.

Akhineiev entrou timidamente no salão e olhou Vankin de soslaio. Este estava de pé junto do piano e, inclinado, em attitude decidida, dizia alguma coisa em voz baixa á cunhada do inspector, que ria.

— Está falando de mim — pensou Akhineiev — De mim! Assim, maldito! E ella acredita! Está rindo! Meu Deus! Não, isto não póde ficar assim!... De maneira alguma! Tenho que arranjar as coisas de modo que ninguem acredite... Falarei com elles todos e elle ficará sendo um estupido mexeriqueiro.

Akhineiev coçou a nuca e, sem deixar de estar confuso, approximou-se de Pasdequoi.

Estive agora mesmo na cozinha a dar ordens para a ceia — disse ao francez. — Creio que o senhor gosta muito de peixe. Mandei preparar um esturjão de primeira! Tem duas varas! He, he, he!... A proposito... Já me ia esquecendo. Com este esturjão occorreu-me agora, na cozinha, um caso divertido. Acabava eu de entrar na cozinha para deitar uma olhadella

De Anton Tchekhov

ao manjar... Ao contemplar o esturjão, fiz com os labios um ruido parecido com um beijo forte, ao ver como elle estava appetitoso, e nesse momento entrou o imbecil do Vankin, que disse: "Ah! estão vocês se beijando por aqui?" Com Martha, com a cozinheira!... Que coisas occorrem a esse idiota! Essa mulher não tem nem cara nem corpo! Parece um animal e elle... "Estão vocês se beijando!" Que homem tão raro!

— Quem é raro?! perguntou Tarantulóff, que delles se aproximou nesse instante.

— Esse Vankin. Entrei na cozinha...

E começou a contar o succedido.

— Fez-me rir esse homem raro. Parece-me que é mais agradavel beijar o cachorro do que Martha — accrescentou Akhineiev, olhando em derredor e vendo Mzda atráz de si.

— Aqui estamos falando de Vankin — disse-lhe. — Que typo! Entrou na cozinha e me viu junto de Martha; e toca a inventar coisas.

— Que disse elle?

— "Vocês estão se beijando?" Talvez esteja embriagado e por isso pensou ver que estavamos nos beijando. Garanto que antes beijaria um perú do que Martha. Demais, o idiota sabe que sou casado. Que vontade tenho de rir!

— Quem o fez rir? — perguntou a Akhineiev o professor de religião, unindo-se ao grupo.

— Vankin. Estava eu na cozinha vendo o esturjão...

Ao cabo de uns vinte minutos, toda a gente estava inteirada da historia de Vankin e do esturjão.

— Que vá agora contar! — pensou Akhineiev, esfregando as mãos. — Começará com as suas tolices e todos logo lhe dirão: "Basta de Maluquices, estupido! Já sabemos tudo!"

E Akhineiev se tranquillizou a tal ponto, que bebeu uns copos além do costume. Ao acompanhar depois da ceia os recem-casados ao dormitorio, foi em seguida para o seu e ficou dormindo como uma criança innocente, e no dia seguinte já não se lembrava de mais nada da historia do esturjão.

Mas, o homem põe e Deus dispõe. As más linguas fizéram das suas e de nada serviu a Akhineiev a habilidade. Ao cabo de quatro semanas justas, precisamente na quarta-feira, após a terceira lição, quando Akhineiev se dirigia para a sala dos professores e tratava das inclinações viciosas do alumno Vesekin dell ese aproximou o director, que o chamou á parte.

— Trata-se, Sergio Kapitonech — delle se approximou o diretor que o chamou á parte.

— Trata-se, Sergi Kapitonech — disse o director. — O senhor me desculpará... Não é coisa minha... Sem duvida, espera fazêl-o comprehender... A minha obrigação... O senhor verificará... Correm rumores de que o senhor vive com essa... com a cozinheira... Não é coisa minha, mas... mas... O senhor vive com ella... Beijam-se... Façam o que quizerem; mas, por favor, não o façam publicamente! Peço-lhe! Não se esqueça de que é um pedagogo!

Akhineiev ficou petrificado. Foi para casa tão dolorido como se o tivesse picado um enxame de abelhas ou como se lhe tivessem despejado pela cabeça abaixo um balde de agua fervendo. Dirigiu-se para sua casa e pareceu-lhe que toda gente o olhava como se tivesse untado de brêu!... Em sua casa esperava-o nova desgraça.

— Por que não comes? — perguntou-lhe a esposa, á refeição — Em que pensas? Nos amores? Estás apreciando menos a Martha? Sei de tudo, canalha! Houve bôas almas que me abriram os olhos! Uh!, uh, uh!... Miseravel!

E, zás, um bofetão em pleno rosto. Akhineiev levantou-se da mesa e, tonto, sem gorro nem capote, partiu para a casa de Vankin. Justamente, o encontrou em casa.

— Canalha! E's um canalha! — exclamou Akhineiev, dirigindo-se a Vankin. — Por que me enlameaste deante de toda a gente. Por que lançaste essa calumnia?

— Que calumnia? Que estás inventando?

— E quem foi que fez correr a mentira de que eu beijei Martha? Tu te atreverás a dizer que não foste tu, bandido?

Vankin pestanejou e agitou toda o seu rosto consumido; ergueu os olhos para os icones e disse:

— Que Deus me castigue, que eu fique sem olhos, ou morra agora mesmo, se disse uma só palavra a seu respeito!

A sinceridade de Vankin não permittia a menor duvida. Evidentemente, não fôra elle o autor da calumnia.

— Mas, quem teria dito? Quem? — pensava Akhineiev, passando em revista mental todos os seus conhecidos e dando pancadas no peito. — Quem terá sido?

Quem terá sido? — perguntamos nós tambem, ao leitor...

PAIZAGENS

CHRONISTA elegante e romancista de merito, artista no sentido completo do vocabulo, vivendo para o eterno culto da belleza, Bastos Portella, sob a mascara energica de um critico, esconde a alma bôa e suave de um poeta harmonioso.

E' sem nenhum favor, uma das figuras mais fulgurantes na literatura brasileira, vivendo hoje aureolado pela gloria conquistada no labor constante.

Temperamento másculo de lutador, é tambem um artista puro, que vive para o eterno sonho de belleza.

Não estou pindarizando. Bastos Portella é até um nome que, para scintillar no firmamento literario do Brasil, já não mais carece dos louvores da critica. O brilho do grande artista não é regional. No maior centro de cultura literaria do Brasil, é astro que fulgura com brilho amplo e intenso. Aqui vae um poema brotado do alfórge precioso:

CAPRICHOS

Sei bem que o nosso amor já não existe...
Mas se eu te soube amar — não te posso esquecer.
Sinto que estou mais pallido, mais triste,
Sinto, de quando em quando, o coração doer.

As noites para mim são tão vazias!...
Caminho em vão pelos jardins abandonados,
E sigo as ruas longas e sombrias
— para que ninguem veja os meus olhos molhados...
Vejo apenas meu vulto alongando-se ao luar.
Nós eramos, porém, duas sombras amigas...
Dize: não tens tristeza em recordar
essas coisas antigas?

Por um simples capricho inconsequente,
— que é tudo e é nada — o nosso amôr morreu!...
Mas se és mulher e tens orgulho — felizmente
O meu orgulho inda é maior que o teu!
Que importa! Soffrerei as minhas penas
No socégo da minha solidão...
— Antes perder um sonho, um sonho apenas
que ferir inda mais meu coração!...

ANSIAS

Manhã de primavera...
Na planicie,
As paizagens modeladas em luz intensissima,
Admiraveis de fórmas e de tintas,
Têm um caracter de robustez olympica.
No alto,
As montanhas escurecidas, tristes,
Vencidas pela melancolia das brumas,
Parecem uma cidade morta, de ruinas cyclo-
[picas...

A planicie sorri numa victoria luminosa.
Campos verdejantes, flores, rebanhos...
E, ondulando á brisa,
O verde-negro dos pinheiraes e as messes pro-
[missoras.

LITERARIAS

Como se vê, o chronista elegante é, tambem, poeta de fina sensibilidade esthetica.

* * *

Entre risos e festas do fim de anno, o encantador artista de "Rendas de Espuma" acaba de brindar o publico intelligente e ledor do paiz com um regio presente.

O livro *Azul e Rosa*, recebido com os maiores louvores da critica, é, de facto, um elegante presente de Natal.

Possuidor de um rythmo perfeito, o lyrico do *Suave Enlevo* seduz e enfeitiça com a graça e o requintado gosto artistico do seu novo livro de versos, destinado a um franco successo nas livrarias.

Raramente, na poesia da actualidade, affirmou com justiça o vibrante critico literario de *Fon-Fon*, encontramos joias deste quilate:

Uma noite, em que o céo era um jardim de estrellas,
— Plantei lindas roseiras,
á beira dos caminhos...
E parti! Depois, voltei a ver as rosas
Que ingenuidade! — Eu vim para colhel-as...
Vim, só para levar as rosas que brotaram...
Achei apenas os espinhos
E as folhas séccas que ficaram...

Em retiro espiritual, contemplando rendas de espumas, é delicioso se viver assim, num suave enlevo, escutando as doçuras lyricas de um poema azul, entre as rosas de um jardim silencioso e divino.

* * *

Jardim de estrellas...

Bastos Portela é um sonhador que sente a volupia das rosas nas alturas azues.

Nasceu para vôar alto como os grandes passaros da lenda.

Beduino do sonho e da chimera, seu destino é se engrinaldar no brilho sideral das estrellas — flôres de luz perdidas num jardim suspenso...

PAULO FREITAS

Que dão lenha para o home e pão para os fa-
[mintos...

A montanha tem ansias de ser planicie...
O vento que vem do alto espanca o nevoeiro,
Abre claros no espaço...
E perpassa-nos na mente
Que a montanha quer renunciar ao heroismo es-
[teril das alturas,
E vem, de monticulo em monticulo,
Para o apostolado da abundancia e do amor...

Mas a planicie, tão longe, tão mysteriosa,
E' a Terra Promettida...

BRIGIDO TINOCO

O "SPEAKER" De Albert Jean

O senhor Herbelin approximou-se do apparelho de radio, para ligál-o.

A senhora Herbelin, que preparava os seus doces na cozinha, perguntou, lá de dentro:

— Ha algum programma bom, esta noite?

— Ha um excellente — respondeu-lhe o marido. Canções, uma imitação de conferencia politica, informações sobre pragas da lavoura... Se Genoveva não gosta disso, não sei mais o que quer!

Emquanto o marido dizia essas palavras, Julia, a mulher, entrou na sala, com um prato em cada mão. E seu andar fez estremecer o soalho envernizado.

A dona da casa pertencia, com effeito, a essa categoria de pessôas opulentas de carnes, que a moda actual aboliu. O Marido, Claudio ao contrario, apresentava uma magreza impressionante, que, para elle, era signal de aristocracia. Pélles e tendões, nada mais, era a sua cabeça sustida milagrosamente por um pescoço de tartaruga.

— Que idéa, a tua! Convidar Genoveva a escutar o radio! — disse elle, vendo entrar a mulher.

— Pobre Genoveva! Está tão só! — declarou Julia.

— Ora, só! A culpa não é nossa, nem ella se acha só!

— Oh! Claudio! Como te atreves a dizer semelhante coisa? Sabes perfeitamente que Roberto a abandonou!

Nesse momento bateram á porta.

— Vae! Corre! Ahi está a tua amiga, a pobre Genoveva! — disse Claudio, zombando.

Em verdade, a amiga Genoveva tinha cara de victima. Cara delicada, aliás, com os pomulos finamente nacarados pelas lagrimas e os labios como contrahidos na imminencia de um soluço.

Humilde, silenciosa, resignava-se a tudo, contanto que lhe concedessem um cantinho onde se refugiar. Vestia modestamente; não desejava parecer mais do que era.

Sentou-se. Julia fez-lhe a pergunta habitual:

— Nenhuma noticia de Roberto?

Os olhos de Genoveva entristeceram.

— Nenhuma...

— Nem sabes onde elle está?

— Como poderia sabêl-o, se não me escreve?

Calaram-se um momento.

— E o andamento do divorcio? — perguntou Julia.

Genoveva sorriu, indulgente:

— Oh! Não ha pressa!

Claudio interveiu:

— Posso ligar o radio?

— Pois não, senhor Herbelin.

Claudio ligou o apparelho. Um som de violino cahiu do alto-falante.

Terminado o trecho, houve outro silencio.

Depois, o "speaker" invisivel começou a dar as ultimas noticias do dia.

Logo ás primeiras palavras, Genoveva se havia levantado, muito pallida:

— Oh! meu Deus! Esta voz...

— Que é? Que tem, dona Genoveva? — perguntou-lhe Claudio.

— E' a voz de Roberto!

A senhora Herbelin, mulher de muito bom senso, tranquillizou a amiga:

— Não póde ser, Genoveva! Ou-

ves e vês o teu marido em toda parte!

— Juro-lhes que é essa a sua voz! — insistiu a pobre Genoveva. — Reconheço-a! E' ella! Como não havia de reconhecêl-a?

Um accesso de tosse interrompeu por alguns segundos a transmissão do "speaker".

— E elle tosse! — exclamou Genoveva, assustada. — O pobrezinho está doente!

— Ora, essa! E a senhora tem pena delle, agora? — indagou Herbelin, contrariado. — Depois de tudo o que elle lhe fez? E por causa de um simples accesso de tosse?

Genoveva baixou a fronte.

— Roberto foi sempre um tanto fraco do peito... Deve ter adoecido, com o frio destas ultimas noites... E não tem ninguem que cuide delle!

A voz do "speaker" tinha se calado, depois de annunciar o numero seguinte.

Genevova nada ouvira. Reflectia profundamente.

Quando a voz mysteriosa annunciou a terminação do numero e começou a ler o annuncio de uma fabrica de pomada para sapatos, Genoveva ergueu a cabeça e fitou o alto-falante. Um rubor subito coloriu as suas faces:

— Tem razão! — exclamou. Adoeça! Soffra! Já nã me importa nada!

O dono da casa approvou:

— Isso, sim! Agora a senhora fala sensatamente.

Ouviu-se, no alto-falante, outro accesso de tosse.

— Ah! — suspirou Genoveva. — Felizmente elle me abandonou Se-não, como eu soffreria ouvindo-o tossir!

— Diz bm. Felizmente já não vive com esse homem! — approvou Herbelin.

— Sim, felizmente! — repetiu Genoveva.

* * *

No dia seguinte, quando o "speaker" penetrou no studio, o porteiro chamou-o:

— Senhor! Esta manhã, uma senhora deixou este embrulho para o senhor!

— Uma senhora? Que senhora?

— Não sei. Não quiz dizer o nome...

Roberto pavoneou-se todo:

— Uma das minhas admiradoras, por certo. Vamos ver que presente me manda!

Desatou o cordão, abriu o papel e deu um grito de espanto:

— Que é isto?

O embrulho continha um vidro de xarope e uma caixa de pastilha peitoraes...

CAIXA DE SURPREZAS

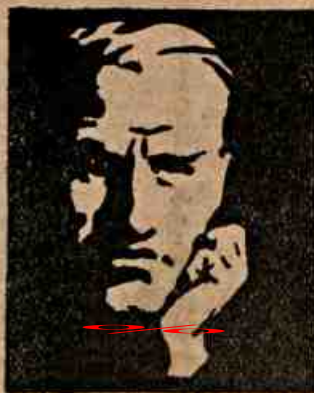
UMA PHRASE DE COMWELL. — Por occasião da entrada triumphal de Comwell, em Londres, um de seus partidarios lhe chamou a attenção para a grande quantidade de gente que, de toda a Inglaterra, occorrêra para vêl-o.

— Estes mesmos estariam aqui — respondeu Comwell — para me vêr subir ao cadafalso.

*

UM QUADRO VALIOSO. — Foi vendido, recentemente por 425 mil francos, a famosa "Lucrecia núa", obra de Cranach, o velho, que se achava em uma collecção particular, que muito poucos conheciam, pois o seu dono, receioso de que a roubassem, a guardava avaramente.

*

UMA "ENQUETE" ORIGINAL. — Um jornal inglez promoveu uma "enquête" entre os seus leitores, tendo como motivo a seguinte pergunta:

"Qual a melhor qualidade que o homem deve apreciar na mulher?"

Recebeu 17.500 respostas differentes, deduzindo-se das mesmas que os homens ainda não chegaram a um accordo sobre o ideal feminino. Uns opinaram pela belleza; outros pela discreção. Um grande numero se manifestou partidario das mulheres silenciosas. A maioria porem, cerca de quinze mil leitores, achou que a qualidade mais apreciavel na mulher é ser uma bôa cozinheira...

QUE BELLA PAIZAGEM!

O caso é veridico e me foi contado por um velho amigo e collega.

A linda paizagem da Tijuca era a causa de admirativas exclamações do dr. Fausto José Franco, quando viajava no bonde com o tenente Eduardo Felix de Almeida.

Moravam em casas proximas no Alto da Bôa Vista e coincidia tomarem juntos o mesmo vehiculo para a cidade.

Conversavam animada e cordialmente sobre politica e outros assumptos desinteressantes para como se diz vulgarmente, matar o tempo.

Acontecia que, quando o conductor se apresentava cobrando a passagem, o doutor Franco, abruscamente interrompendo a palestra encetada com calor e voltando-se para o lado opposto, repetidas vezes exclamava:

— Que bella paizagem! Que bella paizagem!...

Paga a passagem pelo tenente, o doutor, deixando de admirar a paizagem, quando havia motivo para o contrario, proseguia na palestra interrompida.

O official, um dia, convencido de que o doutor Franco não admirava paizagem alguma e que era um plano para eximir-se á despesa de bonde, afim de viajar á custa alheia, sorridente, lhe disse:

— Doutor, quem admira a paizagem hoje sou eu; pague o bonde...

Leopoldo D. Amaral

ESTRELLAS DE HOLLYWOOD

Não é certo que a sua estrella favorita não envelheça nunca? Nenhuma mulher de tino tem por que temer a perda de sua cutis de moça, sempre que se decida a abandonar de uma vez por todas, os cremes, as pinturas, os pós e todos os demais enfeites, nocivos e contraproducentes. Para desterrar do rosto todas as imperfeições, manchas, rugas, espinhas, basta applicar-se, todas as noites antes de deitar-se suave Cera Mercolized, a que de modo insensivel elimina toda a tez gasta, fazendo apparecer em seu logar a nova e formosa cutis que toda mulher possue encoberta pela velha cuticula exterior. Em seu magazine, pharmacia ou perfumaria, encontrará Cera Mercolized.

Dissolvendo uma colherinha das de café de granulado "Stallax", em uma chicara de agua quente, deixa ampla margem para fazer uma magnifica lavagem de cabeça, deixando a cabelleira naturalmente ondulada, com um tom brilhante e suave.

MULHER FATAL

CLARÃO e ruido simultaneos. Uma faisca em zig-zag partira do seio das nuvens. Isso dava-se ao longo do mar, da banda do oriente.

No tombadilho do pequenino "Itaituba", que substituia outro navio de maior calado naquella viagem, passava esperto marujo. Fitára o horizonte e dissera, sorrindo:

— Hum! Lua nova trovejada, trinta dias de molhada.

— Que significa? interrogára um passageiro.

— Vamos ter chuva durante trinta dias com poucos intervallos. Hum! E a lua está deitada! Lua nova deitada, marinheiro em pé.

— Quer dizer...

— ... que esta viagem, não vae ser canja! E ainda mais: céu *pedrento* ou chuva ou vento. Vamos ter temporal, vamos ter muita chuva, vamos ter o diabo a quatro quando estivermos mais ou menos na *altura* de Santa Catharina.

— Si a lua nova estivesse em pé?

— Lua nova em pé, marinheiro deitado. Seria bom para nós, os homens de bordo.

E, para não assustar os passageiros, proseguira:

— Este navio é uma carroça, mas é muito forte para o mar. Póde vir raio, vento, chuva; elle aguenta tudo! Póde não sahir do mesmo logar: nem para deante nem para tráz mas, para aguentar temporal, é um bicho! Pula que nem cabrito quando fecha o tempo, mas é ali no duro!

E o pequenino "Itaituba" navegava lentamente para o sul, baloiçando ao capricho das aguas ondulantes, deixando atráz o Pão de Assucar, o Forte de Copacabana, deixando atráz a esteira que ia fazendo, a qual, absortos, alguns passageiros olhavam com firmeza.

Entrára no canal de São Sebastião para amenizar ainda mais a noitada viageira. Deixára o Toque-Toque.

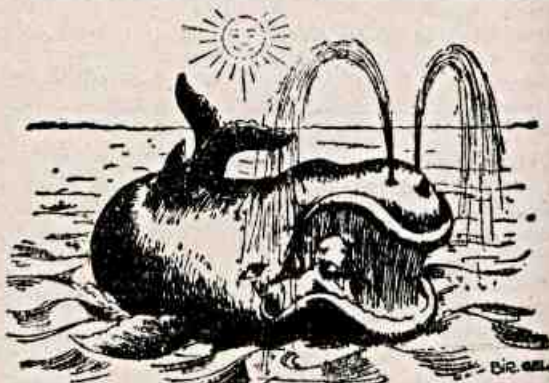
Chegára a Santos. Sahira de Santos. Fôra a Paranaguá, a Antonina. Voltára a Paranaguá. Puzera-se a caminho do sul. Aportára a São Francisco. Proseguira em direitura ao porto de Rio Grande.

Optima viagem.

Vendo o mesmo passageiro passar o mesmo marujo, brincara com este:

— Bellissima viagem, hein! Que é da lua nova deitada, perturbando a serenidade da maruja?!

— Não tenha pressa, senhor! A coisa *braba* vem ahi! Calculei termos *torambomba* na *altura* de Santa Catharina. O barômetro está já malucando...

— Sim, senhor. Muito.

JONER. — Chovendo sempre!... E eu que estou louco para sahir...

De Hormino Lyra

O marujo fôra prenunciador. Quando, muito do largo, passava o navio pela ilha de Santa Catharina, o horizonte fechou-se de repente, e sobreveiu grande tempestade, degenerando em horrivel tormenta. Onda musculosa e soberba levantava no dorso o pequenino navio para jogál-o após na cavidade profunda entre si e outra onda empolada que vinha perto. As cavidades pareciam covas para sepultar o valente barco com os seus tripulantes, com os seus passageiros. Ondas agitadas despedaçavam-se ás vezes de encontro umas as outras, ficando ás aguas cobertas de alvas espumas. E, ao embate das vagas, tremia o "Itaituba" em todo o seu costado, em toda a sua quilha; toda a sua base a modo arqueava, offegando, estremecendo. Nessa tremenda luta passára o navio todo o dia, toda a noite sem sahir de onde estava.

Ao amanhecer, o estado das coisas era o mesmo: o navio estava na mesma posição; os passageiros tinham o espirito desassocegado. Só depois das quatorze horas o vento amainára um pouco, e o bravo commandante, um inglez moço, magro e vermelhinho, que se tornára óptimo companheiro na adversidade, observando não subir o barômetro, resolvêra aproar barco para a *ilha do abrigo*, após certa manobra, bastante arriscada.

Quando chegou o "Itaituba" á pequenina enseada, parecia terem os passageiros despertado de formidavel pesadelo. E, contentes, davam mutuos abraços e contava cada qual o seu episodio da vespera. Um vinha só no camarote e deitára-se á noite, philosophando: não tinha para quem appellar; ia dormir, entregando a alma a Deus e o corpo ao oceano, caso naufragasse o barco; e dormira de facto toda a noite. Outro deitára o revólver em baixo do travesseiro para, com um disparo na cabeça, não sentir as consequencias do naufragio. Ainda outro, um homem formado numa faculdade parisiense, companheiro de camarote do homem do revolver, fôra observado a chorar durante a noite, pedindo a Deus deixasse que ao menos elle visse a mamãe a quem ia visitar, pois não via a progenitora desde alguns annos.

Nessa occasião, surgira personagem desconhecida dos poucos passageiros: uma enhora muito interessante, de olhar mytico, de sorriso attrahente de feição sympathica. Parecia possuir intelligencia fulgurante pelo modo de responder ao passageiro que se apressára a interpelál-a.

Enjoava, e por isso não gostava de sahir do camarote, a não ser no fim da viagem, e tambem pelo facto de preferir a vida solitária. Si sahiu daquella feita, foi para se refazer daquelle soffrimento de mais de vinte e quatro horas, á espra do naufragio que lhe parecêra imminente. Viéra partilhar com os companheiros de viagem da alegria immensa de estarem salvos.

Gostava da vida solitaria. Sim, gostava. Gostaria até de viver de fructas agrestes e da agua de mimosa fonte...

Ouvira-se, entrementes, o estrondo do temporal lá fóra, o qual recrudescêra, causando damnos com o naufragio de dois navios veleiros nas costas do Rio Grande do Sul, para as bandas de Alberdão, e de um vapor no cabo de Santa Martha.

No dia seguinte, veiu a bonança; e o "Itaituba" proseguiu viagem quasi á noite, com tempo bom e mar sereno.

De um grupo só de homens, no qual se contavam anedoctas, certo, jocosas, porquanto todos riam es-

(*Continúa na pag. seguinte*)

MULHER FATAL - (conclusão)

candalosamente, desapparecêra o passageiro interpelador da passageira incógnita, para mais tarde vir trazer novas acêrca da interessante mulher. Era viuva. Ia ao Rio Grande visitar um parente.

Viuvo era tambem o interpelador e negociante mediocre no Estado gaúcho. Quizera ensinuar-se-lhe na confiança.

Então, lhe disséra a passageira em causa ser mulher fatal. Não lhe quizesse a amizade, pois poderia arrepender-se... Fôra casada trez vezes e não mais desejava sacrificar ninguem. O seu primeiro marido fôra marujo: perecêra num naufragio; o segundo soldado: tombára numa guerra civil; o terceiro, funccionario publico: fallecêra em consequencia de desastre na Estrada de Ferro Central. Elle, negociante, si chegasse a casar com ella, falliria com certeza e morreria de desgosto.

Por tudo isso, apaixonou-se o homem pela mulher fatal. E acompanhára-a em toda a excursão pelo Rio Grande e tornára-se seu amante.

Ella, porém, era uma desilludida; tolerava-o apenas.

Por fim, Aureo, nome do apaixonado, queria casar-se com Danila, nome da mulher inspiradora da paixão amorosa.

Não lhe acceitára o pedido de casamento. Não podia casar. Tinha no Rio um filho varão, a quem consagrava todo o seu affecto e teria vergonha de lhe dizer que fôra conquistada por outro, de quem ia tomar o nome. Não. Jamais daria esse desgosto ao filho.

Propuzéra então viverem juntos no Rio, em segredo absoluto. Seria elle dedicado amante e amigo sincero.

Não. A loucura della em acceitál-o como seu amante, á vista das tantas amabilidades e por certa vez ter ido visital-a na casa de hospedagem em momento asado, não passaria dali, aonde fôra a passeio. Não desejava amante no Rio. Morava com o filho e não queria complicações. Era tão feliz assim...

Tal fôra a insistencia delle, que promettêra ella escrever-lhe algumas linhas da metropole sobre a decisão final do caso. Porém foi-se embora e nunca lhe escrevêra.

Aureo esperára durante dois mezes. Resolvêra partir para a Capital Federal. Fôra procurál-a. As indicações deixadas por ella eram falsas. Talvez falso lhe fôsse o proprio nome. Quiçá simulada fôra a historia que lhe contára da sua vida.

Aureo desatinára. Fôra ficando no Rio. Queria descobrir a sua Danila. Um dia haveria de a encontrar.

Os negocios delle ficaram entregues a um empregado de toda a confiança, mas esse empregado tratára de trabalhar para si.

Em pouco tempo, faltava Aureo aos compromissos. Fallira.

Sem recursos, tornára ao Estado do Rio Grande do Sul. Não conseguira reerguer-se. Déra para se alcoolizar. Ia-se fazendo tysico.

* * *

No Parque, arrabalde ao longo do Saco da Mangueira, como é na cidade do Rio Grande conhecida essa lagôa, certa vez certo homem maltrapilho, que dantes era um figurino, estava deitado sobre saccos de cereaes, dormindo ao canto de uma venda.

O vendeiro conhecia-o dos bons tempos, tinha pena delle e contava a alguns tropeiros a sua historia.

Deturpando a lingua, concluia por affirmar que em toda desgraça do homem se procurasse um rabo de saia, porque não falhava! A vida daquelle pobre era uma tragédia, cuja principal figura tinha de ser aquella de quem não se esquecia nunca e a quem chamava — *a mulher fatal.*

O sangue ao absorver os componentes curativos do UNTISAL os distribui pelo corpo todo.

UNTISAL é um liquido de cheiro agradavel.

Limpa, suavisa e refresca a pele.

COCEIRAS

Uma boa fricção de UNTISAL acalma e faz desaparecer a coceira, devido, a ativa circulação do sangue que provoca.

VIDRO
5$000

Anna-Maria

LUCIANO ROBERT, rapaz bonito e elegantemente vestido, espaduas largas e cintura fina, um *sportman* de espirito cultivado, nos contava aquella noite:

— De todas as minhas aventuras de amor, creio que a mais emocionante teve por scenario uma pequena aldeia entre Evreux e Bernay, em plena Normandia.

"Atacára-me subitamente o desejo de fugir dos hoteis elegantes. Em minha ansia repentina de simplicidade rustica, disséra: "Partamos ao acaso... Parei meu auto ás sete horas da tarde no primeiro logar que encontrar. Jantarei e dormirei ali, sem ir mais longe".

"O destino me conduziu á hora fixada á aldeia de Rechonville, onde meu gyro de inspecção não foi nada consolador. Nenhum albergue: só uma taverna: na qual minha entrada fez levantar o vôo a milhares de moscas adormecidas nas mesas poeirentas; postigos abaixados e portas fechadas. A lethargia de uma aldeia adormecida em sua paz quotidiana.

"De repente, vi apparecer, por um caminho, uma creatura de belleza surprehendente, dezesete annos no maximo, purissimos olhos azues, nariz perfeito. A bocca era um botão de rosa, um quê no andar, que fazia virar a cabeça do mais requintado ao mais vulgar dos homens.

"Dirigi-me para ella, e, muito cortezmente, pedi que me indicasse uma casa onde me fosse possivel jantar e passar a noite.

"Ella titubeou, olhou-me, quiz falar e calou-se. Afinal, disse:

" — Póde ser... Vou perguntar a minha tia.... Nossa casa é alli...

Chegados á porta, vi apparecer, pouco depois, uma velhinha, curtida pela idade, toda enrugada debaixo de uma coifa, e que me disse:

" — Venha, senhor!... Não posso negar... Devemos ajudar ás pessôas que estão em apuro... Trataremos de arranjar...

"A hospitalidade da bôa velhinha foi extraordinaria. Preparou-me um delicioso jantar, ao qual fiz todas as honras. Fez-me saber que fôra cozinheira em Paris, á rua Lisbonne... Falei em uma tia que morava lá. Ella a conhecia!...

"Na effusão da alegria causada por essa lembrança, offereceu-me um copo de um vinho reservado para os dias de gala. Tornára-me amigo da casa.

"A menina era sua sobrinha. Reconhêra-a orphã e a considerava como filha, tratando-a com grande carinho.

"Depois do jantar, a velhinha desculpou-se: tinha o habito de dormir cedo. Deu-me bôa noite. Fiquei só com a pequena. Ella disse-me o seu nome: Anna-Maria.

"Conversámos como dois camaradas, mas essa camaradagem se matizou do que é corrente na conversa entre uma linda rapariga e um homem que a aprecia. Anna-Maria contou-me sua vida, naquella aldeia perdida. Fiz tudo para despertar nella o gosto pelo imprevisto romantico. Rubra de emoção, os olhos brilhantes, ella percebia minhas suggestões. Cheguei a pegar em sua mão, que era delicada e de uma frescura rara. Levei-a aos labios. Meu halito acariciava aquelle rosto tão puro. Mil palavras faziam palpitar suas palpebras de longas pestanas.

"A hora de deitar já passára ha muito tempo, quando Anna-Maria se levantou e me acompanhou até a porta de meu quarto.

"Ella tinha uma expressão de ansiedade, com seu olhar cravado no meu, que representava, para ella, a esperança e a felicidade.

"Ao chegar ao patamar, emquanto subiamos a escada de madeira sêcca, passei meu braço pela sua cintura. Ella defendia-se debilmente. Sem duvida, se confiára á minha reserva. Minhas maneiras não se pareciam com as dos rapazes do logar.

"Essas meninas de vida solitaria são obsecadas pelos sonhos. Do mesmo modo que desconfiam dos beijos roubados, consideram deliciosas as bôas maneiras, nas quaes encontram vagas esperanças de um principe encantado, de um desses heróes de lenda que o acaso traz, de um desses filhos de reis que se casam com uma pastora.

"Quanto a mim, estava embriagado — palavra terrivel porém exacta — por tanta mocidade e por tanta candura. Por que aquella menina não acceitaria ser levada a Paris, por uma especie de milagre, vestida com arte misturada á vida de luxo e de prazer. Gostaria?... O facto não era duvidoso. A situação que eu poderia dar-lhe não compensaria magnificamente a sorte que a esperava naquelle canto campestre?... Um ser tão delicado, tão perfeito, não merecia coisa melhor? Contribuir para adornar aquelle corpo encantador não seria crear sobre a terra um pouco mais de belleza e felicidade?

"De repente, ouvimos uma voz. Anna-Maria disse-me, sorrindo:

" E' minha tia... Sonha alto...

" — Deveras? E que diz? Passa revista em suas antigas recordações?...

" — Não... Diz qualquer coisa... Muitas vezes fala sobre uma impressão do dia...

A tia continuava sonhando.

" — Cuidado, minha filha!... Cuidado!... Pensa em tua pobre mãe, que morreu no hospital... Não te deixes fascinar... E' a mocidade.

"O "errr"... "errr" de um ronco a interrompeu. Depois, continuou:

" — Pensa que é para sempre... Depois será tarde!...

"O ronco continuava. Lentamente, virei a cabeça para Anna-Maria. Continuava confiante... Eu era o ultimo que apparecêra, mas constituia para sua innocencia a primeira encarnação do amor.

"Então, medi o que havia de artificial em todas as bellas razões de esthetica que me déra a mim mesmo. A velhinha tinha muita razão. Não tinha o direito de arrastar aquella menina em aventuras nas quaes, talvez demasiadamente docil, não saberia lutar e vencer. Os fracos são logo vencidos neste Paris, que só é lindo para os fortes.

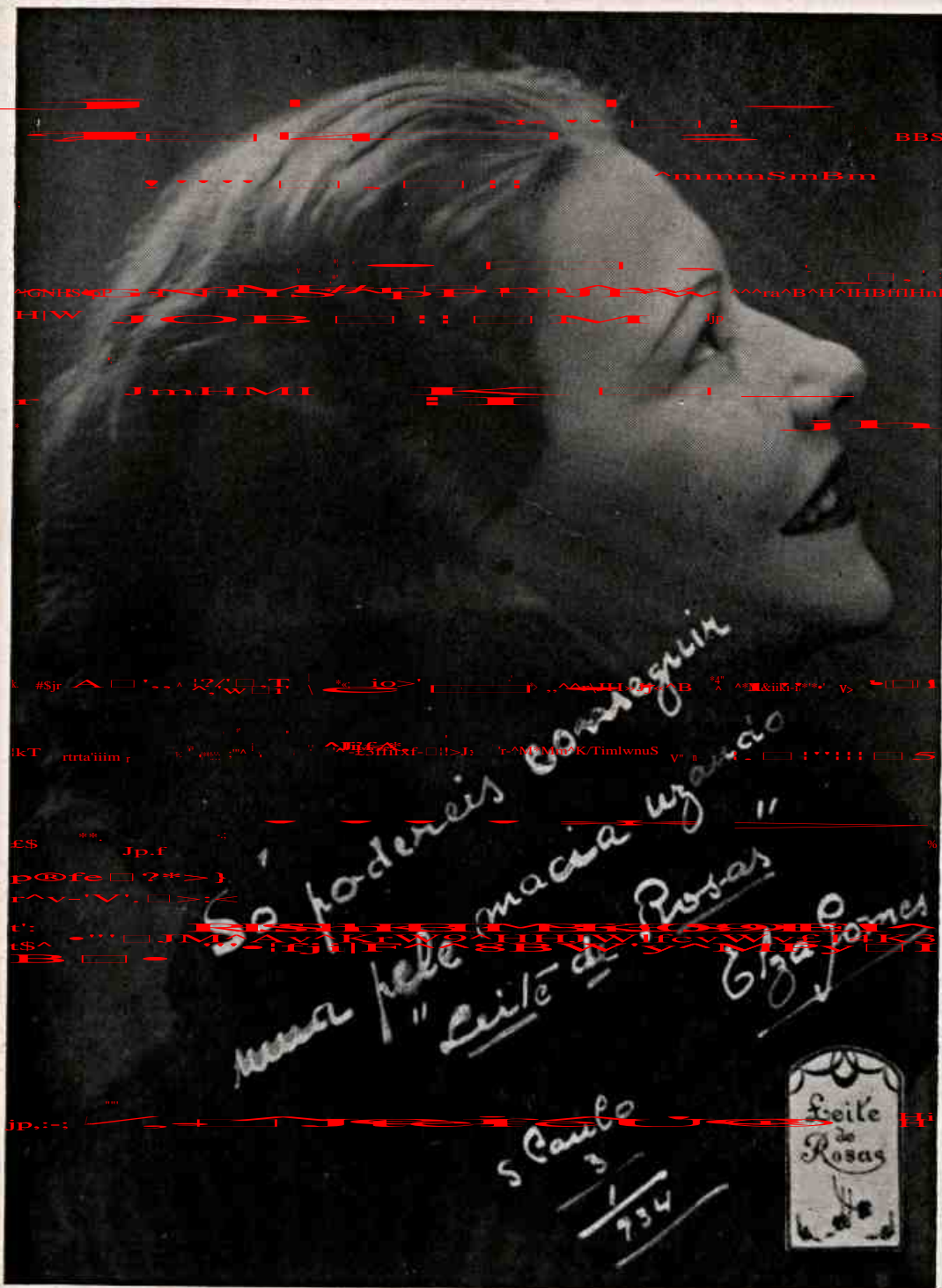
" — Bôa noite, Anna-Maria — disse, esforçando-me por parecer tranquillo.

— Bôa noite, senhor! respondeu ella, sorrindo tristemente com um sorriso que renunciava á felicidade.

"Fechei a porta.

Mas, depois, muitas vezes, pensei em Anna-Maria. Esse logar perdido de Rechonville tornou-se em meu cerebro tão importante como Toulose, Lyon e Marselha.

PAUL REBOUX

O QUE AS MULHERES BONITAS DIZEM DE LEITE DE ROSAS...

A dona desse lindo sorriso, dona tambem de irresistivel «charme», é Elza Gomes, aureolada figura da scena brazileira.

Com aquelle subtil commedimento que é um dos caracteristicos do seu instinctivo bom gosto e de seu nobre talento artistico, a festejada actriz affirma de publico sua decidida preferencia pelo LEITE DE ROSAS — afamado producto brasileiro de exito sensacional nos delicados e modernos cuidados de protecção e embellezamento da cutis.

Removendo, com elegancia, commodidade e infallibilidade, todos os males que desprimoram a pelle — espinhas, sardas, pannos, etc. — e preservando-a das queimaduras do sol, LEITE DE ROSAS, ao mesmo tempo que desodora o suor, perfuma deliciosamente e, assim, «usal-o é um prazer»!

Preparado de elite, fabricado com absoluto rigor scientifico, seu uso identifica a mulher chic, dando-lhe «um modo differente de ser bonita e um poder maior de seducção!»

E' interessante lêr-se com attenção a bulla e prospecto que acompanham os vidros para conhecer-se todos os segredos do uso. E' isso, pelo menos, o que recommendam os medicos especialistas e o proprio Laboratorio nas «amostras gratis» que distribue — á rua Ypiranga, 51, phone 5-3655.

Sem duvida é de bom aviso seguir o conselho da galante «estrella» — conselho que ella propria estylisou neste claro e nitido conceito: «SO' PODEREIS CONSEGUIR UMA PELLE MACIA USANDO LEITE DE ROSAS».

ANNO XXVIII

FON-FON

NUMERO 7

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 17 de Fevereiro de 1934

RIDE... PALHAÇO...

Colombina...
Colombina...
Reparte esse amôr...

O éco do Carnaval, distante, ainda resôa aos nossos ouvidos. Morreu a canção deste anno, para outra surgir nas proximidades dos dias futuros de Momo.

E as Colombinas que repartiram o seu amôr, metade para Pierrot, metade para Arlequim, pensam agora nas consequencias de tamanha loucura...

Mas, quem póde comprehender a mascarada da Vida, sem Colombinas?...

Eu gosto da philosophia da canção carnavalesca, pela subtileza do *sentido*.

Menina!...
Menina!...
Oxygenée!...
O teu cabello preto,
Menina...
Virou "marron glacé"...

E' o Carnaval da moda, que nestas linhas se consagra.

As lourinhas estão em vóga, e os cabelleireiros tiram partido da velha tolice humana para amealhar dinheiro.

O typo louro
Vale um thesouro,
Mas perto do moreno
E' café pequeno...

Por isso, para fazer valer o protesto, grita a opinião das ruas:

Emquanto eu tiver
Olhos para enxergar
Bocca p'ra gritar
Hei de ter opinião...
Não é qualquer mulher
Que consegue dominar
Meu coração.

Passo em revista o que ficou da alma encantadora das ruas, e verifico o alarme produzido pela

Se a lua contasse
Tudo que vê
De mim e de você...

Entretanto, nós sabemos que a Lua é camarada...

Apesar do seu reinado andar um pouco desmoralizado, ás vezes ella faz falta.

A canção tambem é bôa conselheira, para certos casos...

Ha uma forte corrente contra você...
Toma cuidado!
Que o seu vizinho ao lado
Já anda desconfiado
E você sabe porque...

Recolho a musa das calçadas para um estudo comparativo, e maravilho-me da sua sabedoria. Gosto do ar canalha da apresentação.

Tem um *quê* singularissimo.

Faz-me lembrar a physionomia de certas mulheres, cujo temperamento felino os olhos rasgados a carvão espelham. Canção do Carnaval, repetida pela bôcca da Cidade! Eu sei que tu representas, não apenas o *sentido* da gargalhada carioca, mas a propria alma do Brasil que sabe rir...

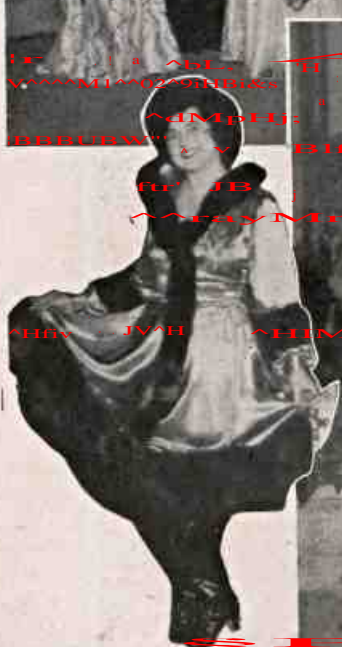
Emquanto os povos cerram os dentes de odio, trucidando-se por um pedaço de pão, o brasileiro ri. E a historia do Brasil do mestre saudoso, Rocha Pombo, que ninguem lê, está inteirinha na chalaça da quadra de Lamartine Babo:

Quem foi que inventou o Brasil?
Foi "seu" Cabral... Foi "seu" Cabral!...
No dia 21 de Abril...
Dois mezes depois do Carnaval!...

Depois, sabe-se o que aconteceu... Cecy amou Pery, Pery beijou Cecy ao som, ao som do Guarany... do Guarany ao Guaraná... Por fim, o reinado do Mossoró, ao qual póde muito bem estar reservada a sorte do seu irmão *Incitatus*, o cavallo de Caligula, elevado á dignidade consular na augusta Roma.

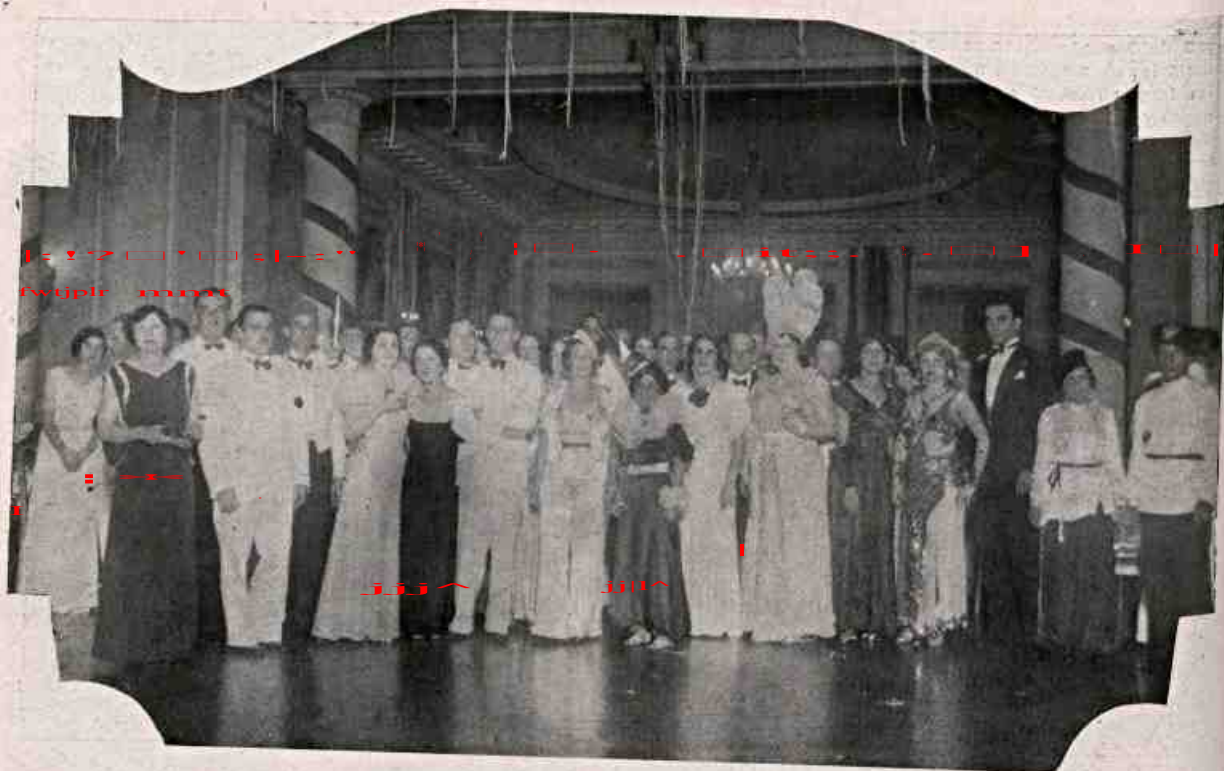
Positivamente, o Carnaval é um caso sério!

MARIO POPPE

Domingo de Carnaval. A séde do Botafogo Football Club está deslumbrante e illuminada dos mais bellos sorrisos da nossa alta sociedade. Fantasias originaes desfilando pelos salões do querido club sportivo do nosso «grand-monde». A alma carnavalesca de um mundo elegante delirando de enthusiasmo na glorificação festiva do rei da folia. E uma alegria contagiosa e envolvente tomando conta dos mais austeros temperamentos. O baile de Carnaval do Botafogo F. C. decorreu nesse ambiente amavel e foi uma das grandes festas do triduo de Momo, revestindo-se do maior esplendor mundano. A nossa reportagem photographica apresenta suggestivos detalhes desse maravilhoso baile.

A sumptuosa e esplendente festa carnavalesca do Botafogo Foot-ball Club reuniu uma sociedade finissima, que se divertiu com enthusiasmo numa das mais lindas noites do Carnaval de 1934. Figurinhas galantes da «élite» carioca ostentavam disfarces luxuosos e bonitos, concorrendo assim para o exito mundano do grande baile de Momo. Esta pagina focaliza algumas dessas graciosas folias, vendo-se no medalhão as senhoritas Lucy Tavares, Yvonne Murta Geretto e Nair Xavier de Britto.

CARNAVAL INFANTIL NO BOTAFOGO F. C.

O Botafogo Football Club não esqueceu a sua petizada alegre e entregou-lhe os salões do palacio colonial na segunda-feira gorda. Carnavalescos precoces, os bellos gurys tiveram assim a sua festa infantil, em que, além de dançarem — bem ou mal, — apanharam uma farta distribuição de doces e brinquedos. Essa «matinée» infantil á fantasia de 1934 deixou, certamente, á garotada do Botafogo F. C., uma grata recordação.

O Fluminense Football Club realizou o seu baile de Carnaval no domingo gordo, marcando mais uma victoria social com essa brilhante festa de tantos encantos. Estão aqui trez aspectos da linda mascarada do glorioso Fluminense.

Esteve esplendente o baile á fantasia que se realizou segunda-feira gorda nos salões do Automovel Club do Brasil, onde uma sociedade «raffinée» se expandiu com delirio numa grande noite carnavalesca. Os promotores da sumptuosa mascarada arranjaram uma decoração condigna para a festa e para o local, o que augmentou, sem duvida, o brilho da linda reunião.

O tradicional Club de S. Christovão commemorou o reinado de Momo com um sumptuoso baile, que, mais uma vez, honrou a antiga e conceituada sociedade são-christovense. Num enthusiasmo crescente, numa festa de alegria e de côres, a multidão de foliões se expandiu com verdadeiro delirio, entre esguichos de ether, «confetti» e serpentinas. Uma noite magnifica foi a que o S. Christovão proporcionou aos seus associados.

NO TIJUCA TENNIS CLUB

Num ambiente de animação e do maior esplendor carnavalesco, realizou-se, segunda-feira gorda, o tradicional baile á fantasia do Tijuca Tennis Club. «Jazzs» delirantes mantiveram os salões do querido gremio cajuty numa permanente alegria não dando tregoas aos foliões que alli se movimentavam. A nossa gravura focaliza aspectos expressivos do bello «reveillon» carnavalesco do Tijuca.

Como nos annos anteriores, o Club Germania festejou a passagem de rei Momo com um sumptuoso baile, no qual reinou, sempre, a mais viva alegria carnavalesca. Entre luzes douradas, serpentinas e o brilho das «fantasias» vistosas, decorreu a bella «soirée», emquanto um mundo elegante e ruidoso dava largas ao seu enthusiasmo.

O Palacio das Festas, onde ficou hospedado sua magestade Momo I e único, durante sua rapida permanencia no Rio, viveu horas inesqueciveis nesses dias da «deliciosa loucura». Bailes e bailes... Todas as noites. Quanta gente não se divertiu ali, naquelle «Reino de Neptuno» creado pela arte scenographica de Jayme Silva! Tambem tinha que ser assim. O palacio do monarcha farrista havia de dar a nota. Esta pagina offerece aspectos do Palacio das Festas durante os seus grandes bailes carnavalescos.

Lindo e brilhante, sob todos os aspectos, foi o baile que o Club de Regatas Guanabara offereceu á sociedade carioca e aos seus associados, festejando o triduo carnavalesco. Os salões do apreciado club receberam:

SONHO DE UMA NOITE DE CARNAVAL

Como foi lindo o nosso Carnaval! Andámos no meio das fantasias com aquelle sonho bom que nos levou um para o outro na seducção irresistível do amor. Você duvidando menos de mim e eu acreditando mais em você. Os guizos da alegria vibravam delirantemente aos nossos ouvidos, sem, todavia, perturbar o silencio interior que marcava o rythmo das nossas affinidades.

A sua melancolia mantinha-se impassível deante do prazer. Mas, ás vezes, cantava na sua alma um pouco da alma festiva do Carnaval. Eu também que sorrio quando a vejo sorrir e fico triste olhando-lhe o desalento feminino, procurei fingir de homem feliz deante da pobre ventura dos Arlequins dos salões onde passeavamos a nossa inquietação sentimental.

Ouvindo a nossa musica, tão integrada já nesse romance que vive-

para isso, uma decoração esmerada. Ao som de afinadas «jazz-bands», os foliões, que se movimentavam nos amplos salões do Guanabara, trepidaram de delírio e alegria, dançando até alta madrugada.

mos, eu e você quizemos ouvir, tambem, a voz da sinceridade. E nos confessámos o grande amor, o amor infinito que víamos como uma sombra palpitando dentro dos nossos desejos insatisfeitos. Você não teve medo de affirmar que me quer bem. E eu, commovido e feliz, só pude agradecer a sua confissão de uma noite de Carnaval beijando-lhe carinhosamente os cabellos perfumados. Dançavamos aquelle samba ondulado que sonorizára uma outra noite que foi o começo da nossa felicidade... E seus lábios disseram a rutilante confidencia que eu ha tempo esperava do seu coração:

— Gosto muito de você... Tanto quanto você gosta de mim...

Não foi preciso mais nada. Para que? O carnaval apenas começava. Mas findava a angustia da minha incerteza.

Como foi lindo o nosso Carnaval!

Mauro

O CORSO

Uma das notas de absoluto esplendor do carnaval de 1934 foi o côrso brilhante, que desfilou pela Avenida Rio Branco até o Pavilhão Mourisco. Desdobrado em quatro filas, os bellos automoveis, engalanados de lindas fantasias, em cujos lábios a satisfação se expandia em sorrisos brejeiros, deram um grande realce a esses trez dias de loucura, que são o reinado ephemero de Momo. Para o brilho e o encanto desse desfile de carros alegres e vistosos, muito concorreram os dias cheios de luz com que o verão de fevereiro brindou e protegeu os foliões cariocas. A nossa pagina offerece varios flagrantes do côrso carnavalesco deste anno.

PENUMBRA ILLUMINADA

No quadrado de tela branca, Barrymore brincava de tenente russo.

Na grande sala escura, as mãos delle seguravam as mãos della.

Elle tinha o perfil correcto de medalha antiga, nos olhos della bailava todo um sabbath de bruxas e feiticeiras.

Seriam namorados? Não sei.

Seriam amantes? Quem sabe?

Mas que importa?

Para ella, creatura sem ninguem, talvez sem destino, aquelles minutos de sonho deviam ser os unicos momentos de felicidade.

Para elle tudo aquillo era um episodio a mais...

Mais um nome no caderninho das conquistas faceis, uma aventura como todas as aventuras...

— Você gosta de mim?

Ella não responde, mas olha nos olhos delle.

— Diga que sim.

Nas mãos delle, as della tremem ligeiramente...

Na tela branca a fita se

UM BAILE DE CARNAVAL DA ALTA SOCIEDADE DE NICTHEROY

A alta sociedade de Nictheroy reuniu-se sexta-feira penultima, na luxuosa séde do Club Central, á praia

desenrola, sem que a arte perfeita de Barrymore seja apreciada.

Na imaginação della uma outra fita côr de rosa surge como um vislumbre de aurora quando a noite passa...

A eterna fita de que as mulheres gostam tanto, mesmo sabendo que o seu desenlace é sempre um chaguin de plus...

. . . .

— Quando tornarei a vêl-a?

Ella responde com outra pergunta:

— Gostaria de me ver novo?

— Muito. E quando?

Palavras imperceptiveis...

Todos os sentidos della, todo o seu coração toda a sua vida estão naquelle momento de illusão, que a mocidade della, generosa, lhe concede.

Porque a felicidade ás vezes, está numa palavra bôa que custa tão pouco e vale tanto.

. . . .

Ter-se-ão encontrado de novo? Quem sabe?

Serão amantes? Talvez.

COLOMBINA

do Icarahy, para festejar, de maneira condigna, o soberano da alegria. O baile de Carnaval do aristocrático centro elegante da vizinha capital revestiu-se de grande esplendor mundano, offerecendo aspectos bellissimos, como os que estão focalizados nas gravuras destas duas paginas de FON-FON.

Foi na quinta-feira penultima que o America Football Club homenageou o rei da folia, promovendo o seu tradicional baile á fantasia, cheio de rutilantes seducções carnavalescas.

Uma linda boneca paulista: a senhorita Cecilia Lara Campos.

(Photo Cerri — S. Paulo).

A galante Maria Magdalena Berquó, filhinha do casal Herbert Moses, numa «pose» de carnavalesca séria.

Senhorita Maria Helena Prates, de S. Paulo. Uma risonha cigana de Carnaval.

(Photo Cerri).

Domingo á tarde, nos mesmos salões onde se divertira, algumas horas antes, a «gente grande» do America Football Club, o campeão do Centenário offereceu uma festa de Carnaval aos filhos dos seus associados, proporcionando momentos ineffaveis á petizada foliã.

*

DIALOGO DE CARNAVAL

— Você acredita no impossivel?

— Não. A vida ensinou-me a não acreditar em nada.

— E si eu lhe dissesse que você ha de ser minha?

— Eu responderia, apenas, que nada é difficil quando se quer.

— Então, mate essa descrença feminina com que você mascára o seu proprio sentimento. O amor...

— E' uma aventura louca de carnaval. Uma aventura que passa, depois que passa a illusão. Tambem não acredito no amor...

— Por que nunca o sentiu?

— Porque já o senti demais. E quando a gente ama tem mêdo do amor...

A noite deslumbrante do hotel em festa reviveu, como um sonho carnavalesco, as palavras finaes desse dialogo subtil, que marcou uma hora de encantamento no destino de um folião.

Ouvi-o e trouxe-o para aqui. Elle não devia ficar disperso no delirio de um salão que não podia comprehender o amor...

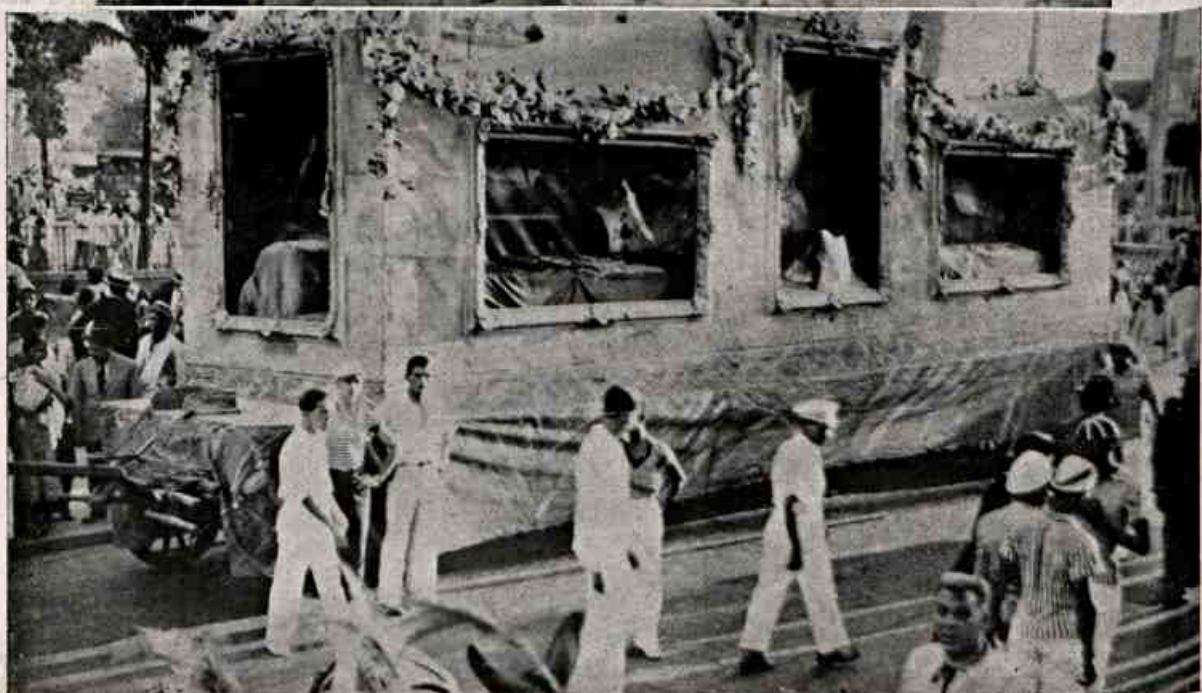
No alto: um grupo de pequenos foliões esperando, no baile infantil carnavalesco do Club Militar, a voz do photographo: «Olhem o passarinho aqui!»... Ao centro e em baixo: dois aspectos festivos da mascarada infantil do Palacio das Festas.

O CARNAVAL EM NICTHEROY

Além do seu grande baile de sexta-feira penultima, o Club Central, de Nictheroy, offereceu linda festa á fantasia aos filhos de seus associados, proporcionando alegre tarde carnavalesca aos pequenos foliões da vizinha capital.

A NOSSA REPORTAGEM DE CARNAVAL

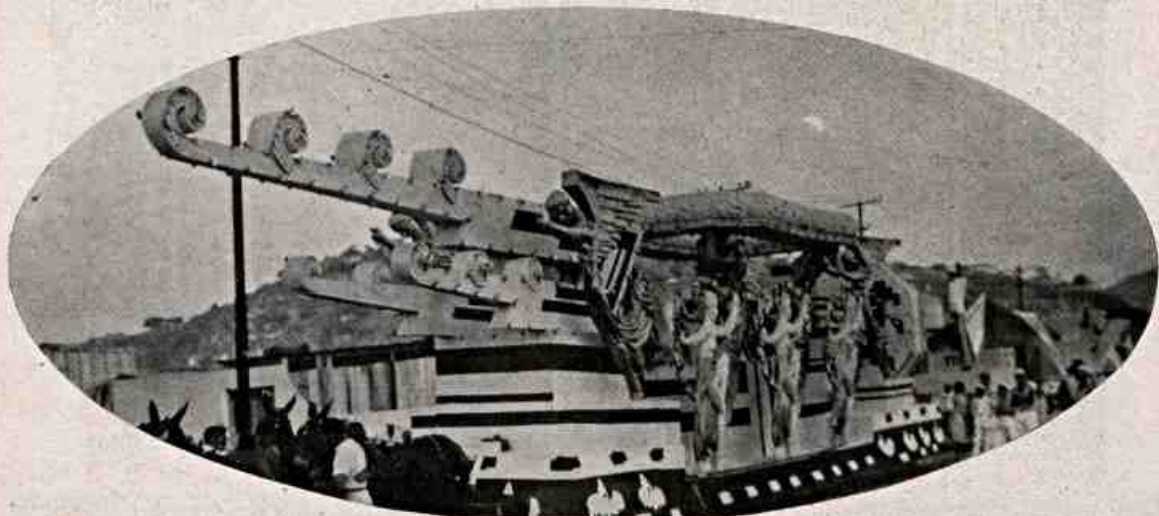
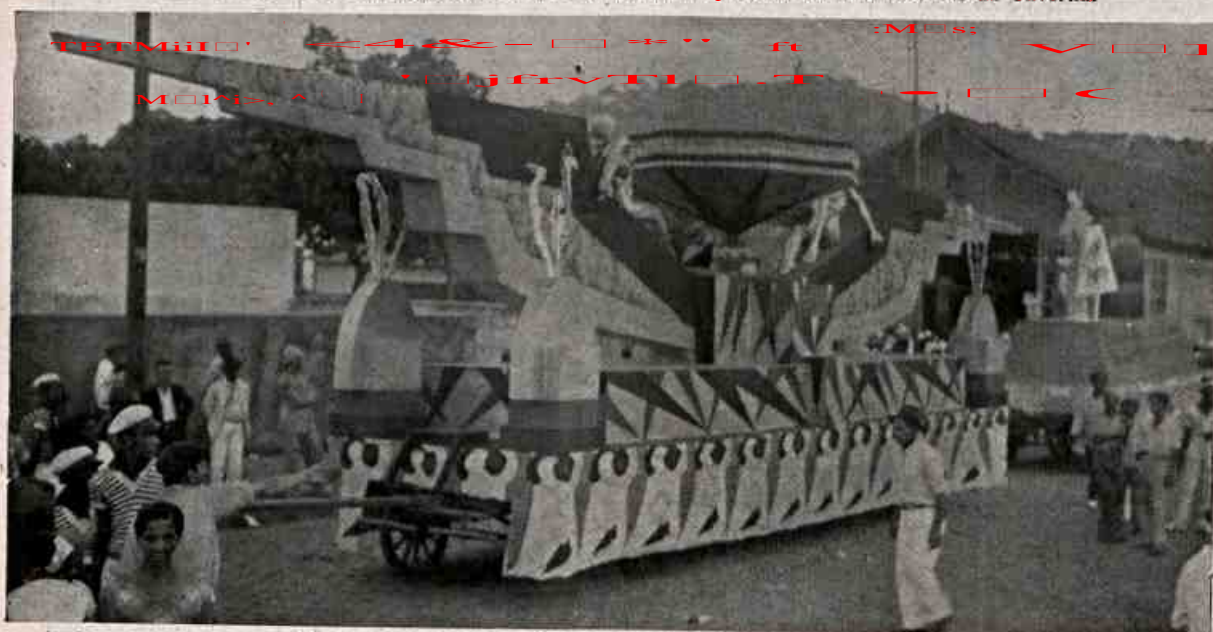
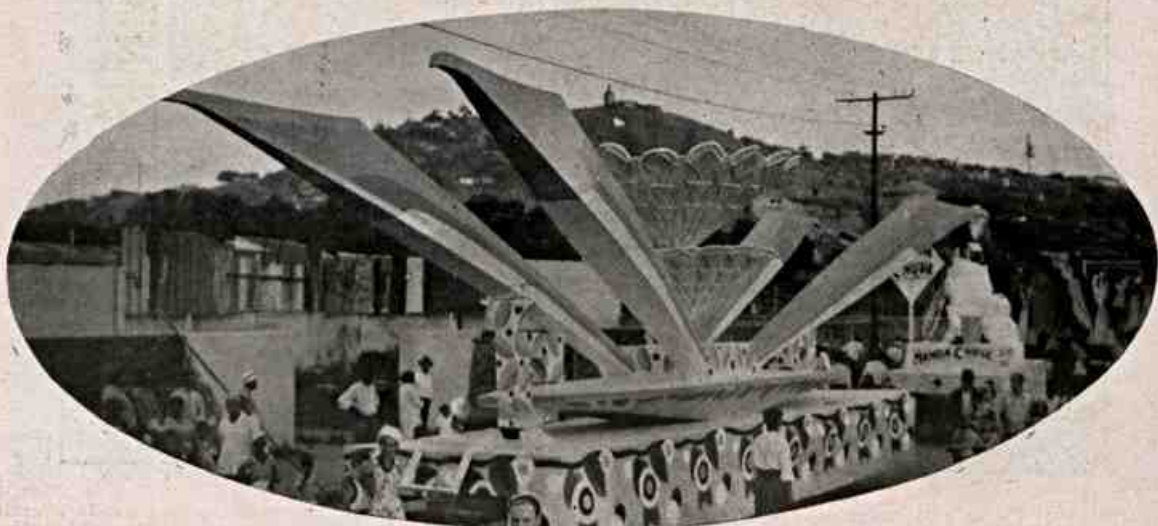
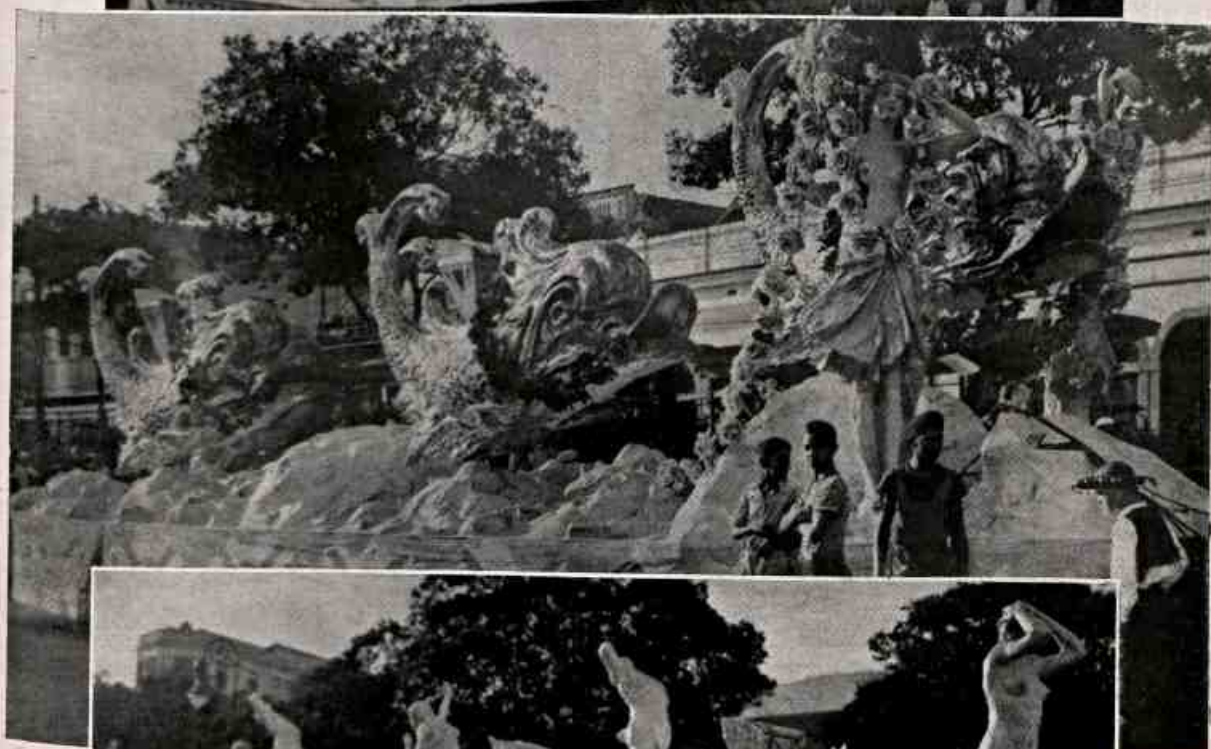
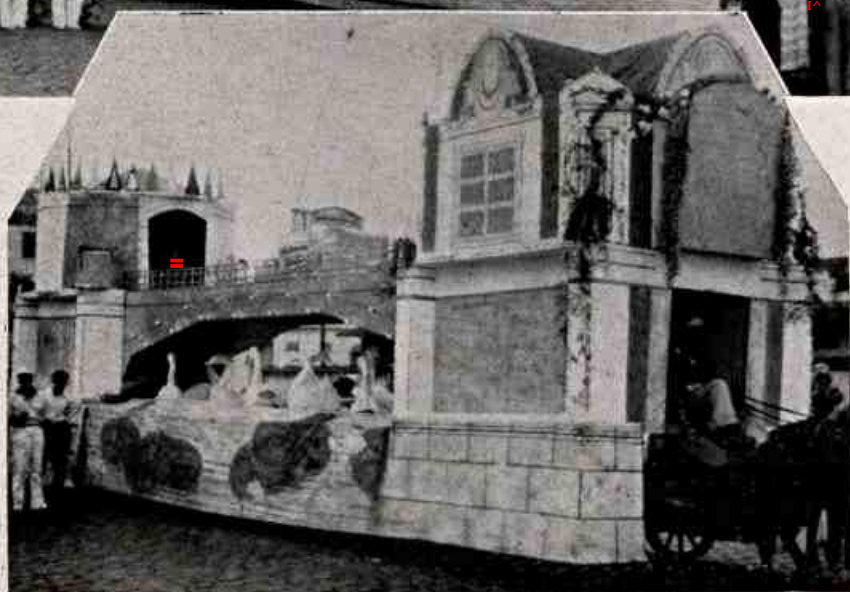
A proxima edição de PON-PON será, ainda, dedicada ao Carnaval de 1934. Continuaremos, então, a publicação da nossa grande reportagem sobre os ultimos festejos de Momo.

Os garotos carnavalescos que dançaram, cantaram e pintaram o sete na vesperal á fantasia realizada no Instituto Sueco, em Nictheroy.

CLUB DOS FENIANOS

A victoria das grandes sociedades que fizeram desfilar os seus prestitos no Carnaval de 1934 coube, este anno, ao Club dos Fenianos, que apresentou, entre outros, os trez suggestivos carros allegoricos reproduzidos no «cliché» desta pagina: «Alerta!», «Na roda do samba» e «A mulher através da arte».

CLUB DOS DEMOCRATICOS

Tambem despertou grande enthusiasmo popular na sua passagem pela Avenida o cortejo do Club dos Democráticos, no qual se viam os carros intitulados: «Carnaval antigo», «Amnistia» e «Carnaval de hoje», ahi focalizados.

CLUB PIERROTS DA CAVERNA

«Falso throno» é um dos bellos carros que formaram no préstito do Club Pierrots da Caverna.

Outro carro do Club Pierrots da Caverna: «Arte indigena».

Tambem desfilou no cortejo dos Pierrots esta expressiva allegoria, denominada «Essencia rara».

CLUB TENENTES DO DIABO. — «Lenda marajoára», «Cidade maravilhosa» e «Ronda nocturna» são os carros que apparecem nesta pagina, e que fizeram successo no cortejo do Club Tenentes do Diabo.

CONGRESSO DOS FENIANOS

Alguns dos sumptuosos carros allegóricos que o Congresso dos Fenianos exhibiu no seu préstito de terça-feira gorda: «Noite de São João», «Rio Amazonas», «Engenharia de brinquedo» e «Perfumes».

feira de vaidades

HOTEL GLORIA

NÃO se realizou, este anno, o famoso baile do sabbado de Carnaval no Copacabana-Palace-Hotel. A falta impressionou, de começo. Os *habitués* daquella festa tradicional não se conformavam. A noticia de que o baile se realizaria no Hotel Gloria não satisfez... E toda gente permaneceu numa ansiosa espectativa, com a sua mesa reservada, mas sublinhando mentalmente a sua desconfiança com uma restricção irresistivel.

Afinal, o sabbado chegou. E com elle a alegria, o delirio, a loucura.

Foi nesse momento que os foliões da aristocracia carioca tomaram conhecimento do esplendor da noite do Gloria.

* * *

Infelizmente, porém, foi decepcionante, para quantos estiveram no Gloria, sabbado de carnaval, o baile que se esperava substituisse, integralmente, o do Copacabana Palace. A falta absoluta de organização, verificada com o excesso de lotação, deu logar á mais lamentavel desordem, de que resultou ficarem prejudicados todos os que confiavam no êxito mundano da grande festa carnavalesca, tão ansiosamente esperada. O fracasso foi, assim, completo e desconcertante, pois o mundo elegante que se comprimia dentro dos salões do Gloria ainda guardava a melhor recordação do ultimo baile de carnaval do Copacabana Palace.

* * *

Apesar da grande confusão ali reinante, conseguimos annotar os seguintes nomes: senhora Rubens de Mello, senhora Salgado Filho, senhora Marcos de Mendonça, senhora Gabriel Bernardes, senhora F. F. Carneiro da Cunha, senhora Luiz Modiano, senhora José Maranhão, senhora Martins Capistrano, senhora Amaral Nogueira, senhora Oswaldo Barbosa, senhora Oswaldo Rosado, senhora Fernando Seguier, senhora Dolabella Portella, senhora Francisco Lampreia, senhora Vasco Leitão da Cunha, senhora Alvaro de Teffé, senhora Sylvio Piergille, senhora Danton Borges, senhora Juvenal Murtinho Nobre, embaixatriz Cavalcanti de Lacerda, senhora Carlos Guinle, senhora Gustavo Barroso, embaixatriz Alfonso Reyes, senhora Rodrigo Octavio Filho, senhora M. Lima Rocha, senhora Toscano Spinola, senhora Ribas Carneiro, baroneza de Saavedra, senhora Marcos Inglez de Souza, senhora Mario de Castro, senhora Afranio Peixoto, senhora Henrique Roxo, senhora Renato Souza Lopes, ministra de Haydin, senhora Felinto Muller, senhora Oswaldo Aranha, senhora Gentil Filho, senhora Góes Monteiro, senhora Walter Sarmanho, senhora e senhoritas Caldas Barreto, senhora Rocha Vaz, senhoritas Paulo Silveira, Isaura Liberal, Laura Novis, Laura de Barros Moreira, Baby Souza e Silva, Diva e Najla Jabor, Celina Liberal, Dulce e Odette Couto, Celia Fabricio, Carminha Machado, senhora Sylvio Abreu Fialho, senhora Luiz Hermany, senhora Vergne de Abreu, senhora Graça Couto, ministra Urdaneta Arbeláez, senhora Luiz Betim Paes Leme, senhora Armando Duval, senhora Amaral Peixoto, senhora Murillo Fontainha, senhora Torres Carneiro, senhora Paulo Laport, senhora e senhoritas Anysio de Sá, senhoritas Lourdes e Thereza Lima Rocha, senhora e senhorita Almeida Gama, senhora Daniel de Carvalho, senhora Leonel Gonzaga, senhora de Lequia, senhora Jayme Chermont, senhora Fernando Magalhães, senhora Sebastião Sampaio, senhora Celso Kelly, senhora Octavio Kelly, senhora David Simon, senhora Herbert Moses, senhora Negro Bernardes, senhora e senhorita Alencar Piedade, senhora Renato de Almeida, senhora Heitor Motta, senhora Lourival Fontes, senhorita Lucy Tavares, senhora Joaquim de Queiroz, senhora Vicente Ponte, senhorita Olga Lefki, senhora Galdino Araujo Maia, senhorita Lily Purnett, senhora Amarilio de Noronha, senhora Carlos Veiga Lima, senhora José Medeiros de Oliveira, senhora Braz de Pinho, senhora Maria Mesquita, senhora Alfredo Tavares.

DEPOIS DO CARNAVAL...

AINDA canta nos ouvidos e no coração a musica das canções carnavalescas:

Reparte esse amor:
Metade pra mim,
metade pra teu Arlequim...

É uma saudade gostosa, feita de emoções fortes, de imprevistos allucinantes, começa a crear, nos sub-estados d'alma, imagens vaporosas, que parece viveram, apenas, em sonho para a nossa imaginação e o nosso amor...

Quarta-feira de Cinzas! Rememoro: uma grande sala de baile, os pares delirantes, a vida extremando-se nas manifestações de uma loucura sem igual. Luz feérica. Toda gente tocada de fremitos impossiveis. E a paixão da alegria, insinuando á alma dos romanticos a necessidade de expandir-se, de communicar-se áquella "forte corrente" de enthusiasmo, em que desabotoam todas as ansias e todos os caprichos do coração, captivo dos segredos da sua vida interior...

* * *

Não parei em nenhum logar. Errei, como um vagabundo curioso e insatisfeito. Fui o espectador das scenas turbulentas, dos entre-actos maravilhosos, das apotheoses delirantes. Mas, ainda assim, nesta Quarta-feira de cinza, tenho uma vontade louca de chorar. Chorar de saudade, de uma saudade gostosa e mystica do Carnaval...

LUCIANO

"FOOTING"

O Carnaval não prejudicou o "footing" da Avenida Atlantica, no ultimo sabbado, quando já a cidade tinha sido tomada de assalto pelo rei da folia.

Ou porque não viessem á cidade, ou porque faziam hora para o baile do Gloria, a verdade é que ainda vi, na Avenida Atlantica, as senhoras Helena Fraga, Marina Torres, Bertha Castro de Oliveira, Laura Barreiros, Nair Freitas Correia, Clotilde de Noronha, Cecilia Farnale, Maria Amelia Coelho Pinto e as senhoritas Myrthe Freitas, Eulalia Lobo, Lucilla Bertalli, Albertina Tavares, Sylvia Gomes, Hercilia de Carvalho, Marilia Mariani, Hilda de Lima, Zelia Bandeira, Izette e Dilah Dias, Helena Santa Cruz, Elsa Seabra, Rachel Souto, Odila e Lili Nevares, Isette Mendes Rabello, Djanira e Electra Leonessa, Aurea de Moraes, Solange Barreiros, Ernestina Santos Borges, Maria Rego Paes Leme, Maria Augusta Figueiredo Lima, etc., etc.

* * *

A Avenida Atlantica não convidava, porém, para o "footing". Parecia lembrar á gente que o incendio da alegria já lavrava cá dentro, no coração da cidade...

LUCIANO

AUTOMOVEL CLUB

A noite de segunda-feira no Automovel Club excedeu todas as espectativas. Attingiu um exito imprevisto. Foi marcante de enthusiasmo e de brilho. Os amplos e luxuosos salões do club resplandesceram, electrizados de alegria. Toda a selectissima sociedade, que costuma encher o antigo e tradicional palacio da rua do Passeio, animou a noite de *feerie* e de deslumbramento consagrada a Momo.

* * *

O Conselho de Turismo da Prefeitura tinha resolvido patrocinar o baile do Automovel Club. Fêl-o em bôa hora. Na multidão immensa, que se comprimia dentro dos vastos salões, ornamentados a capricho, viam-se muitos turistas estrangeiros.

O espectaculo lhes deve ter causado uma impressão inteiramente nova. E', na verdade, inconfundivel um baile carnavalesco na alta sociedade do Rio. O do Automovel Club esteve, apenas, maravilhoso.

* * *

Torna-se impossivel ao chronista o registro de todos os nomes presentes. Comtudo, lá estiveram: senhor e senhora Frederico Machado, senhor, senhora e senhorita general Pantaleão Pessôa, senhor e senhora Carlos Costa, senhor e senhora Manoel Dias Garcia, senhor e senhora Diogo Xerez, senhor e senhora Julio Lima, senhor e senhora Homero Galvão, senhor e senhora Romeu Miranda e Silva, senhor e senhora José Medeiros de Oliveira, senhor e senhora Mario Mesquita, senhor e senhora Heitor Motta, senhor e senhora Nelson Pinto, senhor e senhora Alvaro Neves, senhor e senhora Amaulio de Noronha, senhor e senhora Oswaldo Rosado, senhor e senhora Braz de Pinho, senhoritas Lourdes Nelson Machado, Elza Pacheco, Elisa Machado, Alice Abrahão, Elza Xavier da Costa, Maria Helena Nelson Pinto, senhor e senhora Azurem Furtado, senhor e senhora Lourival Fontes, senhor e senhora Delamare S. Paulo, senhor e senhora Otto Prazeres, senhora e senhorita João Uchôa, embaixador e embaixatriz Victor Maurtua, embaixador e embaixatriz da Colombia, senhor e senhora Cezar Garcez, etc.

FLUMINENSE

SÃO tradicionaes os bailes de carnaval do Fluminense. O grande club conquistou um logar á parte na chronica dos festejos carnavalescos. Assume proporções de delirio o espectaculo da sua noite de baile em honra do rei Momo. A fama do Fluminense não soffreu, este anno, a menor diminuição. Pelo contrario, o bello club confirmou as suas gloriosas tradições de enthusiasmo.

Dir-se-ia que a melhor sociedade do Rio de Janeiro lá compareceu, em *travesti*, para celebrar uma de suas festas mais memoraveis.

O Fluminense transformou-se numa creação maravilhosa das mil e uma noites...

* * *

Entre as muitas centenas de senhoras e senhoritas, que concorreram para o maior brilho do baile, consegui, a muito custo, annotar:

Senhora Felix Pacheco, senhora Nestor Ascoli, senhora Ipanema Moreira, senhora Arthur Lobo, senhora Heitor Borgerth, senhora Bernardo Gonçalves, senhora Leonel Miranda, senhora Carlos Americo dos Reis, senhora Adalberto Machado, senhora Oscar da Costa, senhora Flavio Medeiros, senhora Octavio Gomes, senhora Miguel Pinto Guimarães, senhora Alvaro Fonseca da Cunha, senhora Carlos Ponce de Leon Leite, senhora Justino Lins, senhora Siqueira Malta, senhora José Campos Salles, senhora Lucilia Scarpa, senhora Oswaldo Joppert da Silva, senhora Vicente Ponte, senhora Nestor de Góes, senhora Alvaro Sodré, senhora Germano Pedreira, senhora Barbosa Leite, senhora Or-

lando Carvalho, senhora Luiz Lago Muniz Freire, senhora Arlindo Fonseca, senhora Silveira Mello, senhora Paulo Bôa Nova, senhora José Amado, senhora Paulo Souza, senhora Dario Mello Pinto, senhora Fernando Nina Ribeiro, senhora Noronha da Fonseca, senhora Max von Sydow, senhora Sylvio Guedes Carvalho, senhora Villalonga, senhora Americo Lopes, senhora Claudio Ribeiro e senhora Adib Nader; e as senhoritas Edla e Dila Costa Lima, Maria Picorelli, Corina Guimarães de Oliveira, Carmen Saraiva, Helena Medeiros, Zita Coelho Netto, Ignezita Felix Pacheco, Chiquita Lopes, Maria Helena Gomes, Gilda Rodrigues da Silva, Lourdes Pinheiro, Regina Carvalho, Ruth Lisbôa, Amelinha Maia, Marilia Diniz Carneiro, Lucia e Ernestina Lobo, Lucia da Silva Reis, Dina Couto, Dulce Vianna Andrade, Maria Helena Portugal, Carmen da Silva, Dinah Nunes Vieira, Zuleika Braz da Cunha, Marina Carvalho, Iris Lopes Garcia, Dulce Caldas Britto e Maria Emilia Caldas Britto, Maria Castro, Nair Castello Branco, Nelia e Dalila Magalhães, Cléa Galvão, Olga Bergamini de Sá, Lydia Martins, Alice da Costa, Heloisa e Vera Aragão, Carmen e Maria José Silveira Thomaz, Lou Moreira Santos, Margot Marques Cunha, Maria do Carmo Moura, Maria Bella de Godoy, Laura Assis, Emiliana Campos Salles, Carmen Maria Sabe, Ruth Villela, Carlota Gabriella, Jandyra de Mattos e Thalita da Costa e Souza.

BAILE INFANTIL

ORGANIZADO pelos professores Vera Grabinska e Pierre Michailowiski, obteve um exito completo o baile infantil realizado, no domingo de carnaval, no Theatro João Caetano.

Annualmente, esses esforçados professores promovem essa festa para crianças, dando-lhe um caracter interessantissimo.

Trata-se, realmente, de uma iniciativa intelligente, tendo se realizado, durante o baile, um concurso de musica, dança, declamação e pintura, entre creanças de 6 a 10 annos.

Das festas carnavalescas, é essa, sem nenhum favor, uma das mais interessantes, por ser, a um tempo, de alegria e de emulação artistica.

URCA

O Balneario da Urca tem attrahido ás suas festas a sociedade elegante do Rio. A nova direcção do bello Casino capricha em proporcionar aos seus frequentadores reuniões de apurado e fino gosto.

Ha mesmo uma interessante preoccupação artistica nos actuaes dirigentes do bello Casino. o "Reino de Neptuno" foi uma creação arrojada, com que a Urca resolveu decorar o seu interior para maior brilho das festas carnavalescas.

Outra grande novidade foi o processo de refrigeração adoptado, mediante o qual se conseguiu regular a temperatura nos salões. Só esse conforto valia tudo. Mas, o enthusiasmo foi delirante. E a Urca viveu noites de vibração e de arrebatamento.

* * *

Registrei o comparecimento do senhor e senhora Edson de Carvalho, senhor e senhora Chagas Doria, senhor e senhora Arsenio de Lemos, senhor e senhora Gomes de Mattos, senhora Ernesta von Weber, senhor e senhora Adib Jabor, senhor e senhora Jorge de Lima, senhor e senhora Annibal Nelson Machado, senhor e senhora Maviael do Prado, senhor e senhora Carlos da Veiga Lima, senhor e senhora José Manhães, senhor e senhora Olavo Ribeiro Cavalcanti, senhor e senhora Alvaro Moreyra, senhor e senhora Porto da Silveira, senhor e senhora C. Paula Barros, senhor e senhora Hermani de Irajá, senhor e senhora Octavio do Monte, senhor e senhora André Bellucci, senhor e senhora Bert Noa, senhor e senhora Rubem Ferreira, senhor e senhora Pedro Brand, senhor e senhora Rodrigues dos Santos, senhor e senhora Adolf Nenhaeusser, senhora e senhorita Telles de Menezes.

UM CIRCO NUMA EMBAIXADA

A senhorita Carmencita Martinez, que enche de gentileza e finura o aristocratico ambiente da embaixada do Chile, quiz que o esplendor de sua educação e de sua graça se reflectisse numa festa originalissima. Projectou e realizou um circo dentro da propria embaixada.

As chronicas dos diarios já exaltaram o estrondoso exito dessa festa. Fez-se um registro inedito. E todo o enthusiasmo dos chronistas, vasado em periodos scintillantes, não conseguiu dar uma impressão das maravilhosas scenas do maravilhoso picadeiro...

* * *

Todas as honras da noite couberam á senhorita Carmencita Martinez, que devia estar radiante com a sua festa e com os numeros sensacionaes, que appareceram.

Exemplos: senhorita Mariath Candido Mendes, "domadora"; senhora Renato Lopes, estylizando um cavallinho puro sangue; embaixatriz Martinho Nobre de Mello, "cigana"; senhora Negra Bernardez Muller, "indigena"; senhora Francesco Lequio, "amazona".

* * *

A decoração do Circo foi feita por Jorge de Castro. Um successo.

Quem não teria sentido, naquelle ambiente, saudade dos bons tempos de menino, dos deliciosos "clowns", das suas piruetas, com féras e domadores de verdade!

LUCIANO

LEVADA Á FORÇA

(Da Paramount)

com Miriam Hopkins

TEMPLE DRAKE, uma linda rapariga do sul dos Estados Unidos, é um mixto de compostura e desregramento. Ella mesma não comprehende a estranha composição do seu caracter, motivo para muitas lagrimas, para muita miseria moral. Seu avô e tutor, o juiz Drake, quer que ella se case com Stephen Benbow, um joven advogado, um puro idealista. Mas Temple, muito embora sympathize com elle e o tenha por um bom partido, não o acceita quando elle, por occasião de uma festa no club da cidade em que moram, lhe declara seu amor.

— Eu desejaria acolhel-o; sei que o merece — explica Temple a Stephen. Mas não me sinto digna de o acceitar.

Effectivamente, nessa mesma noite, Temple parte de automovel em companhia de Toddy Gowan, um estudante que abusa do whiskey, e com elle se embriaga perdidamente. O rapaz perde a direcção do carro, lançado numa velocidade excessiva, e o auto se encrava num mattagal, longe da cidade. Os dois recebem no desastre varias contusões, se bem que não fiquem gravemente machucados. Quando voltam a si, enfrentam-os uma figura ameaçadora, que os fita tranquillamente — Joe "Gatilho". Cumprindo as ordens deste, Tommy, um rapazola semi-louco, leva os dois á casa de Lee Goodwin, um centro de operações de individuos que se dedicam á venda clandestina de bebidas alcoolicas. Temple penetra no velho barracão arruinado, e treme de pavor ao ver os individuos que alli estão — Lee Goodwin, typo de meia-idade, cuja physionomia é o espelho de todos os vicios; Van, um sujeito de cara chata e olhos máus; Pap um aleijado, surdo e mudo. Ruby, uma mulher de olhos baços, que tem na sua companhia uma criança de peito, fixa Temple com olhos hostis mal se apercebe dos olhares cubiçosos com que os companheiros de casa dardejam a desconhecida. Gowan, ébrio embora, tenha protegel-a das facecias dos desconhecidos, mas depressa dá conta delle um soco terrivel que um dos brutamontes lhe assenta nos queixos. Joe determina a Goodwin que leve Gowan, á cidade no caminhão da cerveja, e prohibe a Temple afastar-se sob qualquer pretexto do barracão. Tommy, como um cão fiel, fica ao lado da moça, resolvido a olhar por ella, a defendel-a como melhor possa. Ruby esconde Temple num celeiro para que os homens não a molestem durante a noite. Tommy, que tomou espontaneamente a defesa de Temple, alli a acompanha. Ao amanhecer, os dois são encontrados por Joe, que rapta a rapariga, depois de ter morto Tommy com um tiro certeiro. Leva-a para uma casa escusa num dos bairros mais sombrios da cidade, e dá-lhe hospitalidade no quarto que alli tem alugado. Temple, receiosa de voltar para casa desmoralizada como está, e mais fascinada por Joe do que revoltada contra elle, acceita-lhe a hospedagem sem protestar. Goodwin é accusado pelo assassinio de Tommy e Benbow é designado para defendel-o. Goodwin foge a fazer quaesquer revelações e Benbow vem a descobrir que é o receio de Joe a causa dessa attitude. Vae em busca de Joe e encontra Temple na sua companhia. Temple não tira os olhos do meliante e, percebendo que elle apresta a pistola dentro do bolso do paletó, para evitar a morte de Benbow, repelle a este e entrega-se nos braços de Joe, que não suspeita o ardil da pequena. Transportado de alegria, Joe consente que Stephen se retire, sem lhe fazer nenhum mal. Alanceado embora no mais profundo do seu coração, Benbow não foge ao cumprimento do dever profissional e intima Temple a que compareça como testemunha, no processo a que responde Goodwin. Depois que Stephen se retira, Temple levanta-se e põe o chapéu, annunciando a Joe que se vae embora. Tenta elle oppôr-se, usando de violencia, mas Temple o mata com a sua propria arma. Entrementes, prosegue o julgamento do caso Goodwin. Stephen encontra-se numa ante-sala do Tribunal com o juiz Drake e este o censura acremente, por ter envolvido Temple no processo. Pouco depois, a sós com Benbow, Temple supplica-lhe evite figurar no processo, e refere-lhe que acaba de matar a Joe. Stephen cumpre, porém, o seu dever. Interroga-a com calma, mas, quando lhe pergunta onde estava na manhã em que Tommy foi morto, sente-se sem forças para proseguir. A testemunha é retirada por ordem do juiz, mas logo depois, numa explosão histérica, Temple espontaneamente refere tudo quanto se passou, inclusive a morte de Joe. Em meio ...

(Conclúe na pag. 48)

DOS STUDIOS

"AU BOUT DU MONDE" ESTÁ PROMPTO PARA SER EXHIBIDO.

— O novo grande film sonoro da Ufa "Fluchtlinge", posto em scena pelo grupo productor de Gunther Stapenhrst, sob a realização de Gustav Ucicky, já está completamente acabado e prompto para ser exhibido. A estréa desse grande film está marcada para principios de dezembro, no Ufa-Palast, de Berlim. As decorações construidas para elle pelos architectos Herlth e Rohrig, tanto em Neubabelsberg como nas proximidades de Seddin, são de uma grandeza e de uma profusão nunca vistas em films sonoros. Fritz Arno Wagner photographou esse film memoravel, cujo som esteve a cargo de Hermann Fritzsching. Gerhard Menzel, o joven escriptor a quem foi attribuido o premio de literatura Kleist, escreveu o argumento, cujo thema, rico de colorido e originalidade descreve episodios humanos dos tempos que passam, em meio de uma acção que interessa em todo o mundo.

O film "Fluchtlinge" foi manivelado em duas versões, uma allemã e outra franceza. Kathe von Nagy, a papular artista da Ufa, desempenha o papel principal nas duas versões. Os seus collegas, na versão allemã, são Hans Albers, Eugen Klopfer, Ida Wust, Francisca Kinz, Fritz Genschow, Veit Harlan, Hans Adalbert von Schlattow, Friedrich Gnass, H. H. Schaufuss, etc. Na versão franceza, tem a secundál-a os conhecidos artistas Pierre Blanchar Charles Vanel, René Bergeron, Pierre Piérade, Raymond Cordy, Mady Berry, Vera Baranowskaia, Line Noro e Aimos.

"Au bout du Monde" é o titulo da versão franceza, que tambem foi enscenada pelo conhecido realizador de tantos films da Ufa Gustav Ucicky.

A ESTRÉA DO FILM "O ABEL DA HARMONICA". — No Ufa-Palast, de Berlim, foi estreado, em 17 de novembro ultimo, o novo film sonoro da Ufa "O Abel da Harmonica" (*Abel mit der Mundharmonika*), que vinha sendo aguardado com tanta ansiedade e que foi posto em scena por Erich Waschneck, do grupo productor de Max Pfeiffer. Com a realização desse film, procurou a Ufa abrir novos caminhos á cinematographia. A prova de que não se enganou é o grande successo alcançado por esse film entre o publico e a imprensa. O film foi extrahido do romance do mesmo nome, de autoria de Manfred Hausmann, que escreveu tambem o argumento em collaboração com Walter Muller. A historia do film é muito simples e passa-se entre alguns rapazes e uma rapariga, que o acaso juntou por alguns dias na barquinha de um aerostato e a bordo de um barco a vela. E' um film de mocidade, de primeiros amores, de aventuras, e cujo enredo, além do romantismo que encerra, dá tambem margem para alguns momentos emocionantes e sensacionaes.

Karin Hardt, a joven artista, conhecida já de alguns films allemães que foram exhibidos em varios paizes, com geral agrado, desempenha o papel feminino desse film. Os outros papeis foram confiados a Carl Balhaus, Hans Brausewetter, Karl Ludwig Schreiber, Gotz Wittegenstein e Heinz von Cleve.

Gunther Rittau e Otto Baeker foram os operadores emeritos aos quaes se devem as maravilhosas imagens marinhas da foz do Weser e do mar do Norte. Werner Kobold foi o engenheiro de som.

(*Cont. na pag. seguinte*)

DOS STUDIOS - (CONCLUSÃO)

A REALIZAÇÃO DO FILM "O GRANDE AMÔR DO JOVEN DESSAUER". — As filmagens para o grande film musical da Ufa "O grande amôr do joven Dessauer" (*Des jungen Dessauers grosse Liebe*) foram concluidas sob a direcção de Arthur Robison, do grupo productor de Max Pfeiffer. O argumento desse grande film decorativo é de autoria de Philipp Lothar Mayring e B. C. Luthge. Eduard Kunnecke compoz a musica. A photographia e a parte sonora são, respectivamente, de Friedel Behn-Grund e Carl-Heinz Becker. Erich Kettelhut construiu as interessantes decorações historicas.

A Ufa procura lançar, com esse film, mais uma novidade em cinematographia. "O grande amôr do joven Dessauer" constitúe, de facto, o primeiro passo para a grande cine-opera romantica. Não se trata apenas de contar, neste film, a romantica historia de amôr de um principe qualquer. A Ufa pretende mais. Baseado num enredo amoroso facilmente comprehensivel em qualquer paiz o film da Ufa apresenta-se com qualidades distinctas que constituem uma novidade em decoração, em technica e em optica. Os papeis principaes estão confiados a Willy Fritsch, Trude Marlen, Ida Wust, Hermann Speelmanns, Gustav Waldau, Jacob Tiedtke, Paul Horbiger, Alexander Engel, Alice Treff e Huber von Meyerinck.

Está prompta tambem uma versão franceza desse film, com o titulo de "O senhor Marquez". Nessa versão, os papeis principaes são desempenhados por Georges Rigaud, Josseline Gael, Françoise Rognoni, Robert Lepers, Rosay, Germaine Roger, Felix Oudart, Raymond Carol e Paul Olivier.

"OURO". — Os exteriores para o novo grande film sonoro da Ufa "Ouro", pertencente ao grupo productor de Alfred Zeisler, e que foram manivelados a bordo do maior hiate do mundo, o "Savarona", foram concluidos sob a direcção de Karl Hartl, o realizador do film da Ufa "I. F. 1 não responde", conhecido pelo grande successo que tem obtido. Nos studios de Neubabelsberg, estão sendo preparadas, sob a direcção do architecto Otto Hunte, as formidaveis decorações que o argumento desse film exige e que attingem 18 metros de altura. Entretanto, deu-se inicio á tomada dos interiores, em grande parte enscenados num grande laboratorio com potentes machinismos electricos destinados á desagregação atomica.

Os operadores são — Gunther Rittau e Otto Baecker. O engenheiro de som é o dr. Leistner.

Esse film é realizado em duas versões, uma allemã e outra franceza. Brigitte Helm, a conhecida artista da Ufa, desempenha nas duas versões o principal papel feminino. Os outros papeis na versão allemã são desempenhados por Hans Albers, Michael Bohnen, Lien Deyers, Ernst Karchow, Karl Rainer-Litten, Eberhard Leithoff. Os restantes interpretes da versão franceza são Pierre Blanchar, Roger Karl, M. Dumesnil, M. Fouchet, Maurice Rémy e M. Duard.

Serge de Poligny é o enscenador da versão franceza.

Levada á força

(Conclusão)

pandemonio que se estabelece na sala, o juiz Draker corre para junto de sua neta, mas adeantou-se-lhe Stephen, que a transporta em seus braços para fóra do tribunal.

— Não se sente orgulhoso de sua neta, juiz Drake? — perguntou o advogado.

— Sinto-me orgulhosissimo de que ella venha a ser minha esposa! — responde o proprio rapaz.

NOTAS DE ARTE

A REPRESENTAÇÃO DE «A ULTIMA CONQUISTA», DE RENATO VIANNA. — No Theatro Casino, em a noite de 3.ª-feira, 5.ª-f., 1.º de fevereiro, foi á scena a peça de Renato Vianna *A ultima conquista*, a que deu o A. o subtitulo de «romança theatral em 4 tempos scenicos», e que consagrou á Associação dos Artistas Brasileiros e á propaganda de um Theatro-Escola. Interpretaram-na artistas dos mais valiosos e applaudidos do palco brasileiro: Renato Vianna (Borba Neto) — ao mesmo tempo autor e actor, e um dos maiores senão o maior de nossos escriptores theatraes de hoje — Olga Navarro (Myrza), Teixeira Pinto (Jorge), Adelaide Coutinho, (Gertrudes) e João Barbosa (João d'Avila). Em resumo, é esta a peça.

Borba Neto, escriptor de renome, vive da sua arte, do amor livre, da dedicação da irmã governante Gertrudes e de um velho amigo, João d'Avila, e da admiração e gratidão dos discipulos — Myrza, a sua dactylographa e Jorge o seu secretario. Chegou assim aos 50 annos. De repente, rompe-se-lhe a harmonia da vida. O discipulo rouba-lhe a ultima amante. Borba Neto não desespera. Conforma-se e perdôa. Perdia o discipulo e rival, rival no amor e rival nas letras, que Jorge já é um nome de valor entre os literatos da nova geração. Abandonado pela amante, traido pelo discipulo, o intellectual quinquagenario, physicamente envelhecido mas espiritualmente joven, volve as vistas á dactylographa, á criança que educou como filha e é agora moça, formosa, cheia de viço e seducção. Confessa-lhe a medo, sob o disfarce de alguem que pede um conselho, todo o amor que o anima. Myrza, surprehendida, não recusa, mas chora. O seu coração havia pouco acatára sem dizêl-o o amor de Jorge, que lhe fizéra ardente declaração, embora apparentemente lh'o recusára por não querer abandonar o mestre, o pae adoptivo, aquelle que lhe arrancára da vida mediocre, da vida miseravel a que estava destinada pelo meio em que nascêra. Borba Neto sente-se feliz pensando ter o amor de Myrza. Mas Gertrudes, que surprehendêra o colloquio sentimental entre Myrza e Jorge e suppondo alegrar o irmão, dá-lhe a conhecer o romance dos jovens. Borba Neto, decepcionado de novo, não reprime a exclamação: outra vez! E' que Jorge hontem lhe roubára conscientemente a amante e hoje lhe roubava inconscientemente a noiva. Não importa. Ainda assim não se abate. Resigna-se mais uma vez. Esquece e perdôa. Ouvindo de viva voz a Myrza, sabe que ella ama realmente a Jorge. E apressa-lhes o casamento e se entrega todo á sua arte. Vae escrever a obra final. *A ultima conquista*. Passam-se 10 annos. Gertrudes e João d'Avila estão casados.

O solteirão impenitente e donjuanesco tornou-se afinal, depois de septuagenario, varão austero e beato. Gertrudes, com quem sempre vivêra em continuas desavenças, pela incompatibilidade dos genios, acabou-lhe sendo a companheira da velhice, e ambos os amigos cada vez mais dedicados do escriptor. E' então que reapparece Myrza. O marido a abandonára depois de a ter feito supportar os maiores soffrimentos. Ella está só e sem meios para viver. Vem de novo acolher-se á sombra protectora do mestre. Vem solicitar-lhe seja readmittida no antigo emprego de dactylographa. Todo o ambiente se refaz. A vida de Borba Neto vae acabar quasi como principiára, no meio da affeição da discipula e dos velhos amigos, mas sem a inquietude do amor, do amor-desejo, que a velhice e os desenganos extinguiram para sempre. Só reina agora o amor-saudade, o amor-ternura. Myrza é a encarnação desse ultimo affecto, onde sem crime e sem peccado se confundem no mesmo sentimento o amor de filha e de esposa...

A peça de Renato Vianna é mais drama de idéas que romance de amor. A vida de dissipação amorosa de Borba Neto, que chega solteiro aos 50 annos, ao lado da sua actividade literaria, leva-o a um scepticismo risonho que durante todo o desenrolar dos episodios se revela numa série de concertos. E' nestes mais do que naquelles que consiste o drama. Não ha propriamente acção, actos exteriores cuja trama formam o maximo interesse scenico, mas sentimentos e idéas, actos por assim dizer interiores, que apenas se exteriorizam em formulas concentaneas. Teve razão o autor chamando-lhe romança theatral. A sua peça é menos romance do que romança; é mais recitativo do que drama. Entretanto, o heróe encarna um typo psychologico. Borba Neto é uma alma bôa e impia. Enganado duas vezes pelo discipulo amado, perdôa: prova de excessivo altruismo. Pae adoptivo de Myrza, devendo só ter por ella

(*Continúa na pag. seguinte*)

NOTAS DE ARTE

(Continuação)

o mais casto e paternal affecto, deseja-a para mulher: prova de excepcional egoísmo. E' assim uma individualidade singular. Por isso mesmo, personagem digna de idealização. Mostra quanto é mysteriosa e complexa a natureza humana. Ademais se bem depressa, é afinal o altruísmo a paixão predominante na alma do heróe. Borba Neto não se revolta com a recusa de Myrza. Por amor della sacrifica o proprio amor. No fundo, Borba Neto é um coração a quem faltam as luzes do espirito, capazes de o guiarem a uma vida onde se combinem o amor e o dever. Como tantos outros intellectuaes mais ou menos sem moral que se encontram na vida real, o heróe só viveu para o amor livre e para as letras. Só o salvou da vida por assim dizer incestuosa com Myrza e dos actos de vingança contra Jorge, a propria bondade da sua natureza psychica...

Renato Vianna encarnou com muita verdade a figura de Borba Neto. Viveu o papel nos minimos detalhes. Accentuou bastante a psychologia do personagem. E' de notar-se a difficil interpretação do 1.º tempo. Monologo silencioso, deu-lhe o artista o realce de uma scena falada.

Olga Navarro pairou quasi no mesmo plano de Renato Vianna. Transmittiu ao espectador toda a afflicção de uma alma feminina tragicamente combalida pela paixão inesperada de Borba Neto, o amor impetuoso de Jorge, e a gratidão inolvidavel por aquelle mestre e protector. Foram das melhores a scena e dialogo em que ouvi de Borba Neto a confissão da sua estranha affeição, e a em que recusa corresponder ao amor de Jorge. Soube bem ouvir e bem dizer.

Teixeira Pinto realçou bastante o antipathico papel de discipulo traidor-ingrato.

João Barbosa e Adelaide Coutinho, esses representavam como se estivessem vivendo de facto a vida que apenas imitavam. João Barbosa especialmente foi de uma naturalidade excepcional.

Bella, notável a récita de Renato Vianna. Veiu demonstrar que no Brasil ha já um theatro digno de tal nome, um verdadeiro theatro de arte.

Além da representação, houve um discurso do A., lido por João Barbosa, em que se resume a vida e a obra de Renato Vianna e se esboça o programma de um theatro-escola: um theatro, em que se procure educar o gosto, o bom gosto publico, através das creações dramaticas, de valor real, e em que se procure harmonizar a vida do theatro com a vida da familia. Nada mais elogiavel e mais desejável. Emquanto não se attinge á era normal, em que o Theatro se transforma no Templo, onde as festas theolatricas do passado, que precederam na antigüidade o surto do theatro grego e, nos tempos modernos, o surto do theatro occidental, sejam substituidas pelas festas sociolatricas do futuro — é preciso que o Theatro se racionalize e modernize bastante para que seja uma das manifestações mais elevadas do genio artistico da Humanidade. E' preciso fazer do Theatro o Templo da Revolução, como o Templo é o Theatro da Religião. Só assim teremos Theatro no sentido do mesmo tempo artistico e social do termo.

Promover no Brasil a realização dessa obra, é trabalhar em pról da verdadeira arte, da grande arte, que encanta e edifica. Quem o fizer bem merece do presente e do futuro. Renato Vianna figura entre esses verdadeiros futuristas, futuristas no bom sentido do termo, os que são no presente realizadores do futuro. Por isso mesmo não foram demais as ovações que lhe coroaram A ultima conquista. Junte aos do publico e aos da Associação dos Artistas Brasileiros, que o saudou em scena aberta, os nossos mais espontaneos applausos.

OSCAR D'ALVA

Um olhar de mulher...

— OLÁ!, meu caro sentimental. Fitando o mar, ou as "curvas perigosas" das nossas moreninhas de praia?

A sombra de um sorriso pairou sobre os labios bem formados de Edilberto de Moraes, escriptor de nomeada, ao ouvir a exclamação brejeira do seu mais intimo amgio e "blaguer" incorrigivel Marcos Teixeira.

— Nem uma cousa, nem outra, meu caro Marcos. Não estava a reparar a magia sem par da nossa Copacabana a esta hora, em que as nossas bellas cariocas, deixando o recesso dos lares ou as largas avenidas centraes da cidade, vem, para encanto dos nossos olhos, ao banho de mar ou de sol, não escondendo a perfeição de suas fórmas desenhadas pelo exiguo "maillot", que, aqui entre nós, tende cada vez mais a diminuir...

— Mas, o que fazias então, absorto, olhando ao longe?

— Recordava, sómente, um olhar de mulher...

— Um olhar de mulher?

— Sim. Mas o olhar que recordo, e que só vi uma vez, deixou em mim, com um inexplicavel sentimento, o desejo de desvendar o mysterio daquelles olhos negros...

— Sempre sentimental! Talvez, no olhar que tanto te impressionou, não haja mysterio algum. Conheço, por acaso, essa beldade, cujo olhar ficou tão impresso em tua memoria?

— Nem eu, nem tu a conhecemos, meu caro amigo.

— Então, isso é historia longa, que, confesso, estou ansioso de ouvir.

— Não; pelo contrario, é o mais curto episodio de minha vida, que eu te contarei entre um *cock-tail* e um cigarro. Queres vir?

— Como não! Adoro a tua "garçonniere" e sinto prazer em ouvir as tuas confidencias. A tua fantasia faz de uma historia simples, o mais bello conto de amôr! E eu, que te admiro, não quero furtar-me á alegria de escutar-te. Vamos.

Confortavelmente installados no elegante apartamento de Edilberto, de onde se via, pelas largas janellas, a praia regorgitante, o mar infinitamente azul e o céu claro de verão, em frente aos copos de *cock-tail*, trazidos pelo criado, os dois amigos conversavam.

— Onde encontraste, Edil, essa mulher fatal que...

— Não exaggeres, nem ironizes. O que vou contar, não é nenhum conto fantasista, nenhuma historia de amôr. Vou, simplesmente, dizer-te de que modo, eu, que tenho visto tantos olhos bonitos encontrei uns, que, irresistivelmente negros, me prenderam pelo encanto da ardente luz que irradiavam.

— E' curioso!... Mas, começa.

— Quando, de volta da Europa, saltei na velha capital bahiana, em companhia de alguns amigos, para visitar a cidade, verdadeiramente pittoresca, recebi um convite para assistir na Faculdade de Medicina á formatura dos novos doutores. Como bem sabes, a maior parte dos estudantes, pertence á fina flôr da sociedade bahiana. S. Salvador possúe as escolas superiores mais concorridas pela mocidade do norte, sobresahindo a Faculdade de Medicina, que, pela antiguidade e pelo numero de summidades que tem dado ao Brasil, é, sem duvida, uma das primeiras, sinão, a primeira do paiz. Por isso, foi com satisfação que accedi ao convite e, á noite, pisei pela primeira vez os batentes do grande predio colonial. No "hall", profusamente illuminado e decorado a capricho, fomos recebidos pela commissão de recepção e introduzidos no salão nobre, que

(Continúa na pag. seguinte)

regorgitava. Emquanto começava a cerimonia, percorri com a vista a grande sala. Alli tudo refulgia sob a luz profusa dos candelabros. O smoking casava-se com as *toilettes* de noite. De vez em vez, de algum grupo de estudantes, esfusiavam risos. Não quero aborrecer a tua paciencia narrando a cerimonia, que foi longa; basta dizer-te que foi a mais solenne possivel. Emquanto ouvia attentamente a palavra eloquente do orador official, um joven de inegavel talento, senti que alguem me olhava insistentemente.

Voltando-me um pouco, se me depararam, fitos em mim, os olhos negros e magnificos da mais bella morena que já vi.

Pódes crêr que senti em meu intimo uma sensação desconhecida, suave e ao mesmo tempo ardente, quando fixei aquelle olhar profundo e enigmatico. Os meus olhos hypnotizados não podiam se afastar os olhos escuros, que pareciam desprender um poder diabolico, prendendo-me, suggestionando-me. Esqueci-me do orador, dos amigos, de tudo. Só via e sentia o estranho olhar cravado em mim.

"Terminada a festa sahi; e, chegando á porta, ainda tive occasião de ver a galante mulher poisar sobre a minha pessôa os seus olhos e desapparecer no interior de uma rica *limousine*.

"Ao chegar ao navio, depois da partida dos companheiros, que vieram trazer-me a bordo, fiquei muito tempo recostado á amurada, como o ultimo romantico, a fitar o céu estrellado e o mar calmo e a recordar o olhar seductor da insinuante morena... No dia seguinte, prosegui a viagem para aqui e agora, como ainda ha pouco, quando me encontraste, recordo a bonita mulher que me fitou, e pergunto a mim mesmo se não estaria alli o meu destino, esse destino que eu tenho procurado em vão, para a minha felicidade ou desventura... Recordando aquella noite, sinto a mesma sensação desconhecida que senti ao ver fixo em meus olhos aquelle ardente e maravilhoso olhar...

"Era isto que eu estava a recordar, meu caro. Como vês, é um episodio banal. Mas não te admires, quando souberes que eu fui á procura de uma desconhecida, que me prendeu para sempre com a luz profunda dos seus bellos olhos e que eu, sentimental e romantico, creio ser o meu lindo destino..."

— Meu querido Edilberto, a mais banal historia de amôr tem sempre um cunho especial, que encanta. Si, pelo menos, a tua historia não é de amôr, não tardará a ser, e eu faço votos para que nenhum empecilho, desses imprevistos que destróem uma vida com uma illusão, encontres em teu caminho, quando fores em busca daquella que, numa noite de festa, talvez por artimanha de Cupido, lançou, sobre os teus, a luz fascinante dos seus olhos negros...

E, olhando a fumaça azul do cigarro perfumado, que subia em leves espiraes, terminou, pensativo:

— Mas, afinal, qual o homem que não tem em sua vida, para sua felicidade ou desgraça, um olhar expressivo de mulher?...

NÓRA LISI

Escriptores e livros

Cornelio Pires — SO' RINDO — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 6$

NA quadra de tristezas e crise que atravessamos, os livros de Cornelio Pires são verdadeiramente providenciaes. Este volume é um repositorio de anecdotas e pilherias que provocam gostosas gargalhadas, indicado como optimo desopilador do figado...

Budyard Kellman — ENGLISH AND PORTUGUESE COMMERCIAL CORRESPONDENCE — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 7$

ESTE livro destina-se a orientar os que trabalham no commercio, trazendo grande copia de cartas e formulas de uso corrente. E' o segundo volume da Bibliotheca de Estudos Commerciaes e Economicos, iniciativa que conquistou desde logo os melhores applausos do publico interessado no assumpto.

J. R. Bourdon — PERVERSÕES SEXUAES — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 5$

TRATA-SE de um estudo de valor, calcado numa série de observações do eminente medico francez. Depois de mostrar as razões biologicas de certas tendencias humanas, o autor ensina a combatêl-as. Dahi, o alcance pratico da obra.

Anthony Hoje — O PRISIONEIRO DE ZENDA — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 5$

UM novo romance de aventuras da *Collecção Para Todos*, cujo enredo prende a attenção do leitor da primeira á ultima pagina.

Guy Fowler — O LEÃO DOS ARES — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 5$

UMA interessante novella de aventuras, do conhecido escriptor inglez, acaba de apparecer na *Collecção Para Todos*.

João Lopes da Silva — CINZAS... POEIRA... — São Paulo — 1933

AQUI está o autor ajuizando a sua propria obra e dizendo o que pensa da critica:

"Para todos os que forem abnegados ao ponto de supportarem a leitura de *Cinzas... Poeira...* e, ao fim della, não se sentirem revoltados contra a minha pessôa, os meus mais sinceros agradecimentos.

Quanto á critica, estou completamente tranquillo. Não porque esteja certo de ser bem recebido, pois sei perfeitamente que estes meus rabiscos nada valem, mas, por ter a certeza de que ella não se manifestará a respeito — nem pró, nem contra — pois, sendo a critica do *presente* apreciadora só do que é *futurismo* e, além disto, sendo ella uma creatura muito atarefada, tendo, portanto, mais o que fazer, não quererá, por certo, perder o seu precioso tempo com pequeninas coisas, coisas insignificantes e, sobretudo, *coisas do passado*, como *Cinzas... Poeira...*"

Realmente... Chegar ao fim do livro, não é possivel.

Mas o autor engana-se quanto ao papel da critica. A infelicidade do critico está justamente na obrigação que tem de lêr tudo, perdendo um tempo precioso, por vezes, em examinar banalidades.

Um cavalheiro entende de escrever um livro de sonetos, como neste caso, e a critica tem de glorificar o poeta...

Partiste, minha amada, foste, embora,
E me deixaste aqui sozinho e triste.
Tanta dor eu senti quando partiste,
Que até hoje minh'alma geme e chora.

Que coisa esperar de um poeta que vive gemendo e chorando?... Será para commover a critica?... Tempo perdido.

M. Delly — O REI DE KIDJY — Comp. Edit. Nacional — S. Paulo — 3$

MAIS um volume da *Nova bibliotheca das moças*. O nome do autor é a melhor garantia do successo da obra, dispensando referencias.

AMOR DE PALHAÇO

— QUERES saber — perguntou-me Diana — qual foi a mais commovedora homenagem de amor que eu recebi? Foi um simples e humilde ramo de violetas de alguns vintens. Sim: foi a lembrança mais dolorosa e mais bella que jamais eu possui... e todavia

não a tenho mais! Bem sei que é surprehendente, mas creio ter praticado uma bôa acção separando-me della!

Diana era linda. Era uma deslumbrante creatura. O ser melhor e mais perfeito que ainda poderia ter produzido a velha aristocracia hespanhola. Grande, esbelta, loura, cheia dos attributos da mais fina raça castelhana, parecia uma rarissima flôr de estufa, que mal se poderia respirar de tão fragil e mysteriosa.

Sentia-se que devia ter inspirado muitas paixões, mas dessas paixões de que nem ella devia ter tido conhecimento. Sua belleza encerrava algo de magico, de sobrenatural. Pela graça altiva de seus gestos ella parecia mover-se num mundo diverso do nosso. Quem teria a ousadia de lhe fazer uma franca declaração de amor? Mesmo que fosse alguem da mesma casta social. Seria difficil declarar-lhe um amor de que ella seria tão responsavel como o sol é responsavel pelos seus raios luminosos?

— Naquelle tempo, eu adorava o circo de cavallinhos — começou ella. Os *clowns*, os prestidigitadores e os fantasistas me enchiam de enthusiasmo. O circo *dulaber* não tinha espectadora mais assidua do que eu. Quasi toda as semanas lá estava, em companhia de alguns amigos ou de minha filhinha com a governanta. A pequena ria-se, ou batia palmas, conforme o numero do programma, e eu fazia exactamente como ella. Eramos como duas crianças! Todos os artistas e os empregados do circo já nos conheciam, mas eu não prestava nenhuma particular attenção áquella bôa gente, se bem que tivesse reparado num dos palhaços da companhia constantemente com os olhos virados para meu lado emquanto fazia saltos e piroetas. Quando minha filhinha estava commigo era sempre a ella que o tal palhaço confiava o chapéo ponteagudo ou qualquer outro accessorio de sua grotesca indumen-

taria, e isto enchia a menina de felicidade. Comecei, em seguida, a encontrar frequentemente o *clown* Tonio nos corredores do circo, durante os interva-

De Itala Gomes Vaz de Carvalho

los. O olhar delle seguia-me sem descanso, porem nunca pronunciou palavras nem fez o minimo gesto que pudesse ser mal interpretado. Uma unica vez — era uma quinta feira, o circo regorgitava de crianças e de familias, e eu tambem lá tinha ido com a minha filha — encontramos o *clown* no corredor com attitude de quem espera alguem. Debaixo do pós de arroz e das roupas ridiculas parecia estar muito emocionado. Trazia nas mãos um miseravel ramo de violetas e no momento em que lhe passei ao lado, elle m'o offereceu sem dizer nada. Parei, surprehendida. Não esperava por aquelle gesto, mas aceitei as flores modestas; e, quando me virei para agradecer, elle já tinha desapparecido no meio da multidão. A singela homenagem do pobre artista commovêra-me muito mais do que os cestos de orchidéas que estava acostumada a receber diariamente. As simples flôres do campo eram, certamente, a demonstração de um sentimento muito mais sincero e respeitador. Foi isto que me agradou sobremodo, e guardei o ramo de violetas numa gaveta de minha commoda. Passaram-se os dias e eu já não pensava nas flores escondidas no interior do movel. Tinha a impressão de que o humilde olhar do *clown*, tão cheio de admiração, não me era inteiramente desconhecido. Na semana seguinte, voltei ao circo O *clown* Tonio não estava, e eu soube por um dos empregados que no dia immediato ao do ultimo encontro, em que me fizéra o presente florido, elle se enganára num exercicio perigoso e cahira de máo geito, quebrando a espinha. Seu estado era gravissimo. Fiquei muito perturbada, com o coração amargurado, mal podendo me interessar pelo espectaculo. Afinal, não resisti e levantei-me para sahir. Junto á porta estava um dos companheiros do infeliz palhaço. Pediu-me desculpa e me entregou um bilhetinho da parte do ferido... Oh! aquellas palavras! Nunca mais as esqueci! Posso recital-as de cór.

"Lembra-se, senhora, do grande sitio e de Joanito, o filho do jardineiro de seu pae? O marquez mandou-me dar um pouco de instrucção, o bastante para chegar a ser um palhaço... Mas eu nunca me esqueci da senhora! Já a admirava quando só tinha dez annos e hoje minha admiração augmentou. Como seriam mais suaves os ultimos instantes do pobre Joanito, se

(Continúa na pag. seguinte)

AMOR DE PALHAÇO — (Conclusão)

a "Fada de la Sierra Morena" tivesse um pouco de compaixão!"

"Lembrei-me, então lembrei-me logo do garoto de outróra, do filho de nosso velho chacareiro. Era uma criança timida, a quem eu devia impressionar muito, porque ficava encantado deante de mim, com a bocca aberta, como se estivesse deante de Nossa Senhora!... Eu tinha então a idade cruel que desconhece toda sorte de piedade. Caçoava delle. Tornei a vêl-o algum tempo depois de casada: tinha ficado um forte e guapo rapaz. Li tanta adoração e um tal desespero mudo no seu olhar, que fiquei perturbada. Depois, desappareceu, e nunca mais ouvi falar nelle. Pobre Joanito! Não tinha querido se dar a conhecer. O humilde *clown* não ousou dirigir a palavra á filha do nobre marquez. Ah, como me commoveu, então a sua fiel adoração! Informei-me do lugar onde estava! Fui á minha casa, correndo, para buscar o ramo de violetas e fiz-me conduzir até o seu quarto miseravel. Agonizava. Mas o seu olhar reanimou-se quando me reconheceu.

"— Oh senhora!! Senhora! repetia, com fervor.

"— Sim, sim, meu bom Joanito. — dizia eu, chamando-o como outróra.

"As mãos do moribundo apertavam convulsivamente os meus dedos.

"— Suas violetas... Você vê? Conservei-as sempre commigo.

E beijei-o fraternalmente, na testa. Joanito tomou as flores e levou-as aos labios... Foram ellas que colheram o seu ultimo alento. Colloquei-as, então, sobre o seu peito e o humilde ramo de violetas está para sempre fechado com elle, no mesmo caixão.

"Não será esta uma das mais bellas recordações de amor que uma mulher sensivel possa colher ao longo de sua vida?..."

— Quando eu era actor, lendo o «menu» de um restaurante, arrancava lagrimas de todos que se achavam na sala!

— Com certeza o senhor lia apenas os preços...

O FALSO IRMÃO

(SHERLOCK HOLMES — Por CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

Quando á senhora, deu-se tanto ao trabalho, tão animosamente ajudou sua mãe, que a pobre velhinha já não precisa hoje gretar as mãos lavando roupas alheias.

"Aqui tem, miss, como a senhora chegou aos seus vinte e cinco annos. E' tudo isto exacto?

—Eu ignorava que o sabia, sr. Holmes, respondeu a dama, com os olhos marejados de lagrimas. Mas convem ainda ajuntar mais alguma coisa que lhe faça entender a razão por que estou sempre tão triste. Quando Arthur me deixou, prometteu-me escrever com regularidade. Jurou nunca me esquecer e que logo que conseguisse na America uma posição que lhe permittisse casar, me mandaria ir.

—Naturalmente não cumpriu com a sua palavra? Perguntou Sherlock.

—Como?! O senhor acha isto muito natural.

—De certo que sim, amores da mocidade não duram mais do que um dia!

—Não, isso não se entende com Arthur. Amou-me lealmente; e realmente não podia passar sem mim. Ah! o meu receio era que elle tivesse désapparecido, que tivesse morrido na America. Receava-o ainda hontem. Quer que lh'o diga? Quasi que era feliz, pranteando a sua morte.

Sherlock ergueu a cabeça devéras surprehendido.

—E que lhe aconteceu desde hontem, miss? perguntou á meia voz.

—Tornei a ver Arthur Titchburu!

—Ah! Voltou á patria?

—Chegou hontem á noite! Quiz o acaso que ao regressar a casa de volta do trabalho, eu atravessasse a Kensington-road. Era tarde, fazia escuro. Casualmente esbarrei com um homem. Logo que o vi, reconheci-o e chamei-o pelo nome. Elle, porem — e a pobre miss não poude deixar de dar livre curso ás lagrimas que lhe embargavam a voz. — Elle, porém, continuou após uma longa pausa, passou friamente por diante de mim sem me reconhecer. E comtudo ouviu-me chamar, mas foi como se nunca me tivesse visto em sua vida.

—Pobre menina! Foi essa uma desillusão bem cruel! exclamou Sherlock. Mas animo! menina. A felicidade não depende de um unico homem!

"A senhora é tão bella, tão animosa, que tarde ou cedo, ha de encontrar um homem que a aprecie como merece.

"Faça por esquecer Arthur Titchburu. E' indigno no seu amor, se procedeu assim para comsigo, miss Nelly.

—Ah! Nunca o esquecerei, Mr. Holmes — Nunca pertencerei a outro homem — juro-o. Perdôe-me, Mr. Holmes, continuou a encantadora dama, levantando-se

(Continúa na pag. seguinte)

e enxugando as lagrimas com o lenço, perdoe-me, mas não posso subtrair-me á minha dor. De hoje em deante que apreço darei á vida? A minha existencia está aniquilada. Sou mais uma dessas innumeras raparigas perdidas pelo primeiro amor!

"Dê-me licença que, por hoje, interrompa a nossa tarefa. Ser-me-ia difficil continuar. Tenho as mãos tremulas. Demais vae-se fazendo tarde. E' quasi escuro lá fóra.

— O meu discipulo Harry Taxon irá acompanhal-a, miss Nelly. Não ha-de uma senhora nova, bonita e galante, como é miss Nelly, ir por ahi fora sozinha por essas ruas ao cahir da noite.

O policia tocou a campainha. Harry Taxon appareceu quasi immediatamente. Quando soube do que se tratava, declarou-se prompto a acompanhar miss Nelly, da melhor vontade.

— Mas volta depressa, disse-lhe o policia. E' possivel que eu tenha de te encarregar de alguma coisa, quando regressares.

Depois Sherlock Holmes apertou a mão de miss Nelly e em voz alta disse-lhe da porta:

— Até quinta-feira, miss Nelly, não se esqueça! Espero-a sem falta.

Quando ficou outra vez só, accendeu o cachimbo, cruzou as compridas mãos atraz das costas passeando de vagar na sala.

— Injusta sorte, disse o policia entre dentes, a desta pobre rapariga! Merecia ser mulher dum homem de bem e ha daquelle patife sem coração... Primeiro deixou-a sem noticias, depois chega a Londres para receber a herança do pae, e uma vez millionario não se lembra mais da pequena que namorou em rapaz.

"Mas, por Jupiter tenho gosto de intervir neste caso. Convinha-me ter uma conversação seria com o tal Titchburn.

"A pobre rapariga já não tem pae, proseguiu o policia. Por outro lado seria justo que eu fizesse ás vezes de pae? Hei de pensar nisto. Entre! Entre! Entre! com mil demonios!"

Abriu-se a porta de vagar e appareceu um vulto feminino.

Era uma mulher miseravelmente vestida. Tinha visivelmente estampadas na magreza do rosto a pobreza e as privações.

A mulher ficara hesitante á porta.

— Que deseja? perguntou o policia ao mesmo tempo que se adeantava de vagar para a recem-chegada, fixando-a com um olhar penetrante.

— Perdão, balbuciou a pobre; não é o senhor o celebre policia Sherlock Holmes?

— Celebre? não sei. Todavia isso não vem ao caso. Chamo-me, com effeito, Sherlock Holmes e sou policia. Se a posso servir estou ao seu dispor. Não tenha receio e fale com franqueza. Em que lhe posso ser util?

— Venho por causa de um tal Patrick Scott. Arruinou-nos completamente ha sete annos. O meu homem morreu. Não pude suportar que os nossos bens fossem vendidos em leilão. E agora aqui me vejo desamparada com quatro filhos. Ah! Mr. Holmes, se o senhor soubesse que cuidados, que miseria...

A pobre creatura não poude continuar. As lagrimas embargando-lhe a voz e abafou um profundo suspiro.

— Aproxime-se, mulher, respondeu Holmes, pegando-lhe pelo braço e obrigando-a assentar-se. E agora chore até se cansar e depois conte a sua vida. Antes de mais: como se chama?

— Chamo-me Isabel Mulbery. Ha sete annos, ainda era uma mulher feliz. Nunca pensei que pudesse chegar ao que cheguei!

"Meu marido era carpinteiro e tinha uma boa loja na rua de Howard. Trabalhavamos ambos com fervor e o nosso negocio prosperava cada vez mais.

"Tinhamos um ajudante chamado Patrick Scott. Era um irlandez, um bello rapagão, que só tinha um defeito: era leviano e amigo de se divertir. Ordinariamente o meu marido era quem ia comprar as rezes á Irlanda.

"Mas quiz a nossa desgraça que um dia elle apanhasse um grande resfriamento que o obrigou a ficar de cama. Mandou então Patrick e confiou-lhe oitocentas libras esterlinas. Era todo o nosso haver, nem mais um real.

"Patrick prometteu ter juizo e fazer bom emprego do nosso dinheirinho. Partiu e nunca mais ouvimos falar delle. Nem chegou a ir á Irlanda.

"A policia soube que elle se tinha passado directamente para Liverpool, donde embarcou para a America. O meu marido fez o mais que poude para que o perseguissem, mas disseram-lhe que os Americanos, ainda mesmo que o prendessem, não entregariam aquelle grandissimo patife. Como não fugia com dinheiro do Estado mas com o dum particular... Não percebi a differença mas...

— Assim é, disse Holmes. Não tem remedio.

— O meu marido amofinou-se tanto com o caso que immediatamente adoeceu. Um anno depois fiz-lhe o enterro. Appareceram os credores, venderam-nos os bens e eu, com os meus quatro filhos, tive de alugar em Whitechapel uma pequenina casa composta dum quarto e duma cosinha. E desde então tenho sustentado os meus pobres filhinhos com o poucochinho que ganho a fazer vestidos. Muitas vezes perguntado a mim mesmo se Patrick teria voltado mas com pouca esperança. Agora... foi talvez o que aconteceu.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno ... (52 ns.) ... 48$000
Semestre (26 ») ... 25$000

(Registada)

Anno ... (52 ns.) ... 70$000
Semestre (26 ») ... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno ... (52 ns.) ... 78$000
Semestre (26 ») ... 40$000

(Registada)

Anno ... (52 ns.) ... 115$000
Semestre (26 ») ... 60$000

As assignaturas terminam, começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: [illegible]

Gustavo Barroso — Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2-4136

Director: 2-0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON-FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Gargon & Levindrey

Rue Tronchet, 9 — France — Paris VIII Ludgate Hill. Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$600

COMO O MARIO QUASI PERDEU A "PEQUENA"

Uma barba por fazer, desagrada!

BARBEIE-SE DIARIAMENTE

com uma Gillette

E' sempre bem visto por toda gente o homem esmerado que se apresenta com o rosto limpo e bem escanhoado. Essa é uma das vantagens de fazer a barba diariamente. Usar as laminas GILLETTE é uma phase rapida e agradavel da "toilette" matinal. Durando muito mais e dando maior numero de barbas, as laminas GILLETTE saem mais baratas que as de imitação, sempre defficientes. Use sómente as laminas GILLETTE legitimas.

Gillette

GILLETTE SAFETY RAZOR CO. OF BRAZIL
Caixa Postal 1797—Rio de Janeiro